

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# História

*História da Grécia*

J. Fernandes Costa

1902



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# J. Fernandes Costa

## *História da Grécia*

O mundo grego sob o olhar do ano 1902

---

Publicado originalmente em 1902 pela Companhia Nacional Editora – Lisboa.

**J. Fernandes Costa**

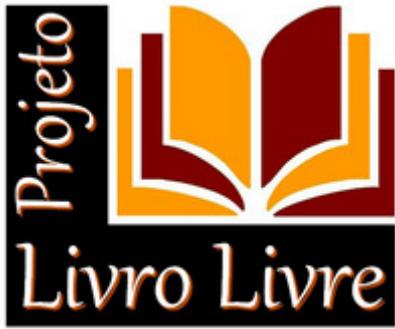
“Projeto Livro Livre”

**Livro 157**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, de J. Fernandes Costa: *“História da Grécia”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

# ÍNDICE

NOÇÕES GEOGRÁFICAS .....	1
NOÇÕES MITOLÓGICAS .....	5
TEMPOS LEGENDARIOS OU PRIMITIVOS TEMPOS HERÓICOS E MITICOS DOS HELENOS.....	9
TEMPOS HISTÓRICOS .....	15
ESPARTA. LEGISLAÇÃO DE LICURGO. GUERRAS DE MESSÊNIA .....	17
ATENAS. LEGISLAÇÃO DE SÓLON. OS PISISTRATIDAS. A DEMOCRACIA .....	20
ATENIENSE .....	27
AS GUERRAS MÉDICAS .....	33
HEGEMONIA DE ATENAS .....	36
O SÉCULO DE PÉRICLES .....	38
GUERRA DO PELOPONESO .....	43
TIRANIA DOS TRINTA EM ATENAS. RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA HEGEMONIA DE ESPARTA .....	44
DECADENCIA DE ESPARTA. HEGEMONIA DE TEBAS .....	47
SUPREMACIA DA MACEDÔNIA .....	48
DESMEMBRAMENTO DO IMPÉRIO DE ALEXANDRE .....	51
REDUÇÃO DA GRÉCIA A PROVINCIA ROMANA .....	52

# HISTÓRIA DA GRÉCIA

## NOÇÕES GEOGRÁFICAS

*Grécia* foi o nome dado pelos Romanos ao país chamado *Hélade* pelos seus naturais. Tal nome coube primeiramente a uma pequena divisão do Épiro; depois aplicou-se á Tessália, aos países ao sul das Termópilas e ao Peloponeso, vindo, com o andar do tempo, a compreender todo o Épiro, a Ilíria na sua maior parte e a Macedônia. Mas o vocábulo não era conhecido pelos habitantes do país, do mesmo modo que estes se não designavam pelo nome de *Gregos*, com que ficaram memorados na História. Na língua grega a Grécia era chamada *Hélade*, como dissemos, *Helênia* ou país dos *Helenos*. São ignorados os motivos pelos quais prevaleceram os nomes—*Grécia* e *Gregos*—empregados na língua romana.

A palavra *Hélade* (em grego *Helas*) designou primitivamente um pequeno distrito da Ftiótida, na Tessália. Daí, os Helenos espalharam-se gradualmente por todo o resto da Grécia,—mas ainda no tempo de Homero o seu nome não era comum a toda a nação grega. O grande poeta designa os Gregos pelos nomes de Danaos, Aqueus, ou Argivos; e embora na *Ilíada*, cant. II, v. 530, apareça uma vez a designação de *Pan-Helenos*, é ela tida como espúria pelos comentadores antigos.

Entretanto, nos tempos mais remotos da História Grega, todos os membros da raça helênica, vangloriando-se de um antepassado comum, *Helen*, eram conhecidos pelo mesmo nome, e a todos os distritos em que se estabeleciam davam o nome genérico de *Hélade*, o qual significava, assim, “terra dos Helenos” e não uma região qualquer definida por limites geográficos precisos. Ora, neste sentido genérico, as mais distantes colônias helênicas pertenciam á *Hélade*; e desse modo as cidades de Cirena na África, de Siracusa na Sicilia, e de Tarento na Itália, formavam partes tão essenciais da *Hélade* como as cidades de Atenas, de Esparta, e de Corinto.

Este é o sentido mais amplo do termo, o qual se empregou também mais restritamente para designar todo o país ao sul do Golfo Ambracico e da foz do rio Peneu, até ao istmo de Corinto. Nesta significação era o país designado pelo nome de *Hélade contínua* e, segundo os modernos, pelo de *Hélade própria*.

Poremos, contudo, de parte este nome clássico e erudito; e adotaremos para toda a Península o de *Grécia*, consagrado pelos séculos e pelo consenso unânime dos historiadores.

A Grécia é a mais oriental das três Penínsulas em que o continente europeu é recortado ao sul. A sua extensão superficial está longe de igualar-se á do nosso pequeno país, e não é por ela decerto que nos cumpre avaliar a extraordinária importância que os filhos dessa região privilegiada tiveram na história do mundo.

Presta-se o país, pelo muito acidentado das suas montanhas, ao estabelecimento de pequenos Estados análogos aos cantões da Suíça, assim como pelo arrendado do seu vasto litoral se presta a uma grande expansão de comércio marítimo, facilitado ainda pela proximidade da Ásia, da Itália, e do Egito.

Ao norte, a Península é cortada, do Mar Negro ao Mar Adriático, pela cadeia de montes que, a leste, *toma* o nome de *Hemo* ou *Balkan*, e em cujas vertentes meridionais assentam a *Ilíria*, a *Macedônia*, e a *Trácia*.

Ao sul da Ilíria e da Macedônia ficava a *Grécia setentrional*, compreendendo o *Épiro* e a *Tessália*, separados de norte a sul pelo monte *Pindo*. Ao sul do Épiro encontravam-se os *Molossos*, cuja capital era *Ambracia* (Arta), banhada pelas águas do golfo do mesmo nome, e ao norte, na fronteira da Macedônia, *Dodona*, célebre pelo seu oráculo.—A Tessália é atravessada pelo rio *Peneu*, o qual forma o vale de *Tempe*, entre os montes *Olimpo* e *Ossa*. Entre as cidades, cumpre citar: —*Larissa*, banhada pelo Peneu, e antiga capital dos Pelasgos; *Iolcos* e *Lamia*; *Farsália*, e, perto desta, *Cinocefalia* (“Cabeça de Cão”), célebre campo de batalha. A cadeia de montanhas meridional chama-se monte *Eta*, e nele existe uma estreita garganta, o célebre desfiladeiro das *Termópilas* (“portas quentes”), única passagem natural da Tessália para a Hélade.

Ao sul da Tessália e do Épiro (isto é, da Grécia setentrional) ficava a *Hélade própria* ou *Grécia central*. Compunha-se ela dos seguintes estados: *Ática*, *Beócia*, *Fócida*, *Dórida*, *Lócrida*, *Etúlia*, *Acarânia*, *Megarida*.

Na *Ática* há a mencionar o monte *Pentélico*, célebre pelo seu marmore, e o monte *Himeto*, afamado pelo seu mel, e ambos eles contrafortes do *Eta*. As cidades principais eram: a capital *Atenas*; o porto do *Pireu* na Península de *Muniquia*; *Eleusis*, famoso centro do culto de *Demeter* (*Ceres*) e dos mistérios. Eram também na *Ática* as célebres planícies de *Maratona*. Em frente de *Atenas*, no Golfo Sarônico, encontrava-se a ilha de *Égina*, famosa pela sua grande navegação, pela riqueza e cultura dos seus habitantes, e ao norte dela a ilha de *Salamina*, célebre pelo combate naval que daí tirou o nome.

Na *Beócia* havia quatorze cidades, reunidas em liga, a cuja frente se encontrava *Tebas*,—a das sete portas,—com a fortaleza *Cadméa*. Dentre as

outras ficaram memoráveis pelas guerras de que foram teatro: *Platéa*, *Délio*, *Coronéa*, *Leutra*, *Cheronéa*.

Na *Fócida* estava o centro da Grécia e até mesmo, segundo então se julgava, o centro de toda a Terra, o templo de *Delfos*. Esta cidade era célebre pelo seu oráculo de Apolo, pela suntuosidade dos seus edifícios, e pela sua fonte de *Castalia*, consagrada às Musas.

A *Dórída* era uma pequena região montanhosa, tendo apenas quatro cidades, tão insignificantes que não vale a pena citar-lhes os nomes.

Na *Lócria* é digno de menção o porto de *Naupata* (hoje *Lepanto*), e na *Etúlia* a inexpugnável cidade de *Termon*.

Finalmente, na *Acarânã*, ao sul do Golfo de Ambracia, notava-se: —o promontório de *Ácio*, célebre pela vitória de Augusto (31 A. C.), e em cuja proximidade depois se fundou *Nicopólis*; a cidade de *Leucate*, e a de *Stratos*; etc. Na *Megarida*, distinguia-se a cidade de *Mégara*, próximo da costa, a porta do istmo, com dois portos, um no Golfo Sarônico, outro no de Corinto.

Resta-nos falar da terceira grande divisão geográfica de toda a Península Grega, o *Peloponeso* (hoje *Moréa*). Constitue ela por si só uma Península secundaria da principal, á qual se liga por uma estreita língua de terra, o istmo de Corinto. Subdividia-se nos seguintes Estados: a *Arcádia*, a *Lacônia*, a *Messênia*, a *Acaia*, a *Argólida*, a *Elida*.

Na *Arcádia* havia, além das cidades antigas de *Mantinéa* e de *Tegéa*, *Megalopolis* e outras localidades de somenos importância.

Na *Lacônia*, parte mais meridional de toda a Grécia, notava-se, além da capital *Esparta* (*Lacedemônia*), *Amicléa* antiga cidade dos Tindardas, célebre pelo culto aí prestado a Apolo, *Selásia*, *Hélos*, e o porto *Gitio*.

Na *Messênia*, separada da Lacônia pelo monte *Taigeto*, havia a antiga fortaleza de *Itoma*, a cidade marítima de *Pilos* (*Navarino*), a capital *Messena*, e a cidade dórica de *Steniclaros*.

A *Acaia*, no Golfo de Corinto, continha as cidades de *Patras*, de *Egio*, de *Hélice*, e mais nove, formando todas uma liga, e tinham para centro o templo de Zeus (Júpiter) em *Égio*. A liga *Acáica* ou *Aquéa* compreendia, além destas doze cidades, a de *Siciônia*, altamente comercial, e a de Corinto, opulenta tanto pelo seu comércio como pela sua atividade industrial e artística, e notável pela sua forte cidadela (*Acrocorinto*).—Ao sueste achava-se a *Fliásia*, pequena república com a cidade de *Flionte*.

Na *Argolida* sobressaíam a capital *Argos*, com a sua cidadela *Larissa*—do tempo primitivo dos Pelasgos, *Micena* e *Tirinto*, onde se vêem ruínas das muralhas ciclópicas; e, além destas três cidades de maior ou menor importância, muitas localidades, algumas célebres na História da Mitologia, tais como: *Neméa* (jogos nemeus), *Lerna* (hidra de Lerna), *Epidauro*, *Trezena*, *Hermione*, *Náuplia*, a ilha de *Caláuria*, etc.

Na *Elida*, região sagrada, havia, além da capital *Elis*, a floresta de *Altis* na planície de *Olímpia*, banhada pelo *Alfeu*, onde de quatro em quatro anos se celebravam os famosos *jogos olímpicos*, e o magnífico Templo de Zeus, com a estatua do Rei dos Deuses feita de marfim e ouro, pela arte sublime e prodigiosa de Fídias.— A região ao sul de Olímpia chamava-se *Trifília*; e nela ficava a *Pilos*, de Nestor.

Eram estes os Estados do continente ou terra-firme. Ha, porém, ainda a considerar um grande número de ilhas. Citaremos, as mais importantes:

No mar de oeste ou Mar Jônio: *Corcira* (hoje *Corfu*), talvez a célebre ilha dos *Feácios*, residência do rei *Alcinoos*, e que Homero cantou; *Leucate*, com um santuário de Apolo; *Ítaca* (hoje *Tiaki*), morada de Ulisses; *Cefalênia* e *Zacinto*, de onde veio a colônia espanhola de Sagunto.

No mar do sul: *Cítera*, antiga colônia fenícia, de onde talvez lhe proveio o culto da Venus Afrodite (a *Astarte* fenícia); *Creta* (*Cândia*), com o seu monte *Ida*, afamada pela legislação de Minos, e com as cidades de *Cidônia*, de *Gortina*, de *Cnossa* (labirinto), entre outras, que Homero faz chegar ao número de cem; *Chipre*, abundante em azeite e vinho; *Rhodes* (a Ilha das Rosas) com a célebre estatua de Hélios (*colosso de Rhodes*) no porto da sua capital.

No mar de leste ou Mar Egeu, também chamado *Arquipélago*, as ilhas eram tão numerosas, que este ultimo nome do mar ficou designando todos em que as ilhas são muitas, ou, mais restritamente ainda, todos os agrupamentos de ilhas. As principais eram: *Eubéa* (*Negroponto*), com as cidades de *Eretria*, de *Calcis* (ligada á Beócia por uma ponte), de *Carista*, afamada pelos seus mármore, e de *Oréa*; *Sciros*, pertencente aos Atenenses; *Lenos*, célebre pelo culto de Hefastos (Vulcano); *Tasos*; *Imbros* e *SamoTrácia*, ambas conhecidas pelo antigo culto misterioso dos *Cabiras*; as *Cíclades*, grupo assim chamado por formar um circulo de ilhas em torno da ilha de *Délos*, consagrada ao Sol. Em Délos havia o grande santuário de Apolo. E entre as outras Cíclades, cumpre mencionar: *Paros* (mármore), *Andros*, *Céos*, *Melos*, e *Naxos*. A leste das Cíclades, ficavam as *Sporades*, mais ligadas já ao continente Asiático, sendo entre elas notáveis: *Tenédos*; *Lesbos*, com a cidade de *Mitilene*; *Quios*; *Samos*, pátria de *Pitágoras*; *Cos*, pátria de *Apeles* e de *Hipocrates*; *Pátmos*, depois célebre por aí ter residido o evangelista S. João.

## NOÇÕES MITOLÓGICAS

**1º - Teogonia grega** —A Terra (*Gé*) gerou por si mesma o Céu (*Urano*) e o Mar (*Ponto*). Da aliança entre o Céu e a Terra nasceram os *Ciclopes* e os *Titãs*.

Os ciclopes forjavam os raios. Dos *Titãs*, uns vagueavam pela *Terra* como o *Oceano*, deus marinho, cujos filhos e filhas eram os rios e as fontes, outros esplendiam nas regiões etéreas ou cruzavam o espaço, como *Hipérion* (luz primitiva), *Téia* (claridade diurna), *Hélios* (sol), *Seléné* (lua), *Eos* (aurora), o céu noturno com as suas estrelas (*Léto* e *Astéria*), os quatro ventos (*Zéfiro*, *Bóreas*, *Noto*, *Euro*); outros representavam os destinos e as tendências do espírito humano, como *Japeto* e seus filhos, *Atlas*, *Menecio*, *Prometeu* e *Epimeteu* (Prometeu que roubou aos deuses o lume e por isso Zeus o amarrou num rochedo onde um abutre lhe devorava as entranhas; Epimeteu, marido de Pandora, de cuja boceta saíram todas as misérias da Terra ficando-lhe só a esperança no fundo); outros eram as forças amigas ou inimigas da humanidade, *Têmis* (guarda da ordem legal e moral), *Nemosine* (memória), mãe das 9 *Musas*, *Hécate*, deusa da noite. O mais novo dos *Titãs* foi *Cronos*, que destronou seu pai, Urano.

Das gotas de sangue caídas no chão nasceram as *Erínias* ou *Euménides* (Fúrias na Mitologia Romana), e os *Gigantes*. Da espuma do mar nasceu *Afrodite* ou *Anadiómena* (*Vênus* na Mitologia Romana), a deusa do amor. Da ligação de *Gé* com o mar proveio *Nereu* e deste as ninfas marítimas ou *Nereides* (aspectos risonhos do mar) e *Taumas*, *Fórcis*, *Ceto* (fenômenos terríveis das ondas). De *Taumas* nasceu *Iris* (o arco íris) e as *Harpías* (trombas, redemoinhos). De *Fórcis* e de *Ceto* vieram as *Graias* (as três velhas com um olho e um dente só), as *Gorgones* (*Steno*, *Euriale*, e *Medusa*, tendo serpentes na cabeça em vez de cabelos), as *Hesperídes* (que guardavam os pomos de ouro no Jardim do Ocidente). Do filho de Medusa nasceram os espetros *Cérbero*, *Hidra*, *Quimera*.

A Noite deu o ser a estes de influência misteriosa ou nociva: o sono, os sonhos, a morte, o destino (*Ker*), as três *Moera* (*Parcas* na Mit. rom.): *Cloto*, *Láquesis*, e *Átropos*.

Depois de Urano reinou *Cronos* (*Saturno* na Mitologia Romana), e o seu reinado foi a idade de ouro, o período da felicidade sem nuvens; *Zeus* (*Júpiter* em Roma), seu filho mais novo, foi criado secretamente em Creta, escapando por um artifício materno, no qual tomaram parte os *Curetes* e as *Coribantes*, á sorte de todos os outros seus irmãos, pois Cronos devorava á nascença todos os filhos que lhe dava sua mulher *Réa* (*Cibele*). Zeus destronou seu pai e fundou o reinado dos *deuses olímpicos*, depois de um combate contra os *Titãs* e *Gigantes*

(forças revoltas da Natureza), do qual saiu triunfante, despenhando os seus adversários no Tártaro, com exceção apenas de Têmis, do Oceano, e de Hipérion.

**2º - Deuses olímpicos**—O senhor e soberano dos deuses, o deus principal dos Helenos, era Zeus. O seu culto nasceu em Dodona, no Épiro, estendendo-se depois á Tessália e daí á Grécia toda. Acima de Zeus só havia o *Destino* e as leis invariáveis da Natureza. A mulher e irmã de Zeus, *Hera* (*Juno* na Mit. Rom.) era a divindade feminina do céu, a atmosfera. Presidia aos casamentos. Suas filhas *Hébe* e *Elitia* eram: aquela a deusa virginal que servia o néctar aos deuses antes do rato de *Ganimedes* pela águia de Zeus, esta a deusa que as mulheres invocavam no momento dos partos.

Da cabeça de Zeus saiu armada *Palas Atené* (*Minerva* entre os Romanos), a deusa protetora de Atenas. Ao principio, deusa do céu azul que esplende magnificamente sobre toda a Grécia, foi depois a criadora de todas as artes. Descobriu a charrua e ensinou a plantar a oliveira. Era a guarda das cidades e das instituições públicas.

A sua estatua (*Paládio*) tinha culto em quase todas as cidades gregas, sendo Atenas o seu mais célebre santuário. Celebravam-se aqui em sua honra, de quatro em quatro anos, as grandes, e, todos os anos, as pequenas *Panatenéas*. Chamava-se *égide* o escudo de Minerva e nele estava a cabeça de Medusa.

De Zeus e de Hera nasceu *Héfaistos* (*Vulcano* em Roma), que seu pai precipitou do céu. Foi o inventor das forjas, isto é, o grande promotor da civilização. Ajudavam-no os *Cíclopes*, que no Etna e nos outros vulcões forjavam os raios para Zeus.

De Zeus e de *Léto* (*Latona*) nasceram *Artemis* e *Apolo*, gêmeos, na ilha sagrada de Délos. Apolo, deus radiante da luz (*Fébo*) é por isso confundido ás vezes com *Hélios*, deus do sol. Este deus era um dos mais importantes; o seu mister era combater a obscuridade e a impureza, e estabelecer a ordem no mundo físico e no mundo moral. Com respeito á vida humana era o preservador dos males. Sob o nome de *Paion* foi pai de *Asclépios* (*Esculápio*) que preside á medicina. Como deus das artes e especialmente da musica e da poesia, Apolo dirige o coro das *Musas* (e recebe então o nome de Musageta).

As Musas eram nove: *Calíope* (poesia épica), *Clio* (história), *Euterpe* (poesia lírica), *Melpomene* (tragédia), *Terpsicore* (dança coral e canto), *Erato* (poesia erótica e imitação mímica), *Polínia* (hino sublime), *Urânia* (astronomia), *Tália* (comédia e poesia idílica). Habitavam os montes *Hélion* e Parnaso nas proximidades de Delfos.

*Artemis* (*Diana* entre os Romanos), irmã de Apolo, era a deusa da lua, a divindade das musas e dos oráculos, e presidia á caça. Tinha um célebre templo em Éfeso onde era representada como mãe criadora, com um grande número de seios. Na Taurida, prestou-se-lhe um culto bárbaro, com sacrifícios humanos, nos quais tomou parte a família dos *Átridas* (*Ifigênia* e *Orestes*).

*Poseidon* (*Netuno* entre os Romanos), antigo deus pelásgico, que teve o seu culto primitivo na Beócia e no istmo de Corinto, culto que passou daí para a Ática e para o Peloponeso, era o deus do mar e governava-o com o seu *tridente*. Tinha por companheira *Amfitrite*, ninfa marinha. Foi também o domador dos cavalos, e pai de *Pégaso*, cavalo alado, que nasceu do sangue de Medusa. Adoravam-no em Atenas a par de Atené.

*Ares* (o *Marte* dos Romanos) era o deus da guerra e dos combates. Tinha em Atenas uma colina que lhe era consagrada (*Areópago*).

*Afrodite* (a *Venus* dos Romanos), era a deusa do amor sensual e da formosura. O seu culto celebrava-se principalmente em Chipre, em Cítera, e em Gnido.

De Ares e de Afrodite nasceu a *Harmonia*, divindade de Tebas e esposa do fenício *Cadmo*, fundador da cidade.

Ao mito de Afrodite está ligado o de *Adônis*, seu favorito, morto na caça por um javali. Adônis por concessão especial de Zeus ficou vivendo seis meses do ano com Afrodite e os outros seis com *Perséfone*, rainha das sombras. Este mito, de origem fenícia, parece representar o principio vivificante da Natureza: a morte de Adônis durante seis meses e a sua ressurreição em outros seis é o letargo da Natureza no inverno e a sua revivescência na primavera.

O filho e companheiro de Afrodite, segundo lendas mais modernas, era o pequeno deus do amor, *Eros* (*Amor*, *Cupido*) cuja amada foi *Psiché* (a *alma*). No séquito deste pequeno deus e de sua graciosa mãe andam as *Charites* (*Graças*), e as *Horas*, deusas das Estações.

Havia, ainda, entre os *deuses supremos*, cujo número subia a doze, *Deméter* (*Ceres*), *Hermes* (*Mercúrio*), e *Héstia* (*Vesta*).

**3º - Divindades terrestres** — *Deméter* (*Ceres*), a *Terra-Mãe*, filha de Cronos, era a Natureza fecunda e criadora. Inventou a Agricultura. A Sicília e Eleusis eram os principais pontos do seu culto. Sua filha *Perséfone* (*Proserpina* entre os Romanos), ratada por *Hades* (*Plutão*), e vivendo metade do ano sobre a Terra e outra metade no mundo subterrâneo, era a imagem da semente enterrada durante os meses do inverno. Em honra de Deméter celebravam-se as *Tesmoforias*, as grandes e as pequenas *Eleusinas*, e as *Antestrias*.

*Hades (Plutão)* governava o mundo dos mortos, separado do mundo dos vivos por alguns rios, tais como o *Stige*, o *Aqueronte*, o *Cocito*, o *Letes* (rio do esquecimento), etc. Sob o nome especial de *Plutão* era particularmente a divindade dispensadora das riquezas. O mundo subterrâneo compreendia o *Eliseu* (morada dos justos) e o *Tártaro* (morada dos condenados). Era guardado por *Cérbero*, cão de três cabeças. Os manes dos que na morte tiveram sepultura atravessavam o rio infernal numa barca dirigida por *Caronte*.

*Hermes (Mercúrio)* entre os Romanos, divindade pelagica, ligada á agricultura e á vida pastoril, era também arauto e mensageiro dos deuses. Tinha azas nos calcanhares, e usava o *caduceu*, símbolo da inviolabilidade. Era o deus da eloquencia, da circunspeção, da prudência, e até da finura e da astucia, chegando mesmo á fraude e ao perjúrio (isto é, tinha na sua qualidade de arauto olímpico todas as prendas da diplomacia e da política). Atribui-se-lhe a invenção do alfabeto, dos números, da astronomia, da musica, da ginástica, dos pesos, das medidas, a cultura da oliveira, etc. Estava também o comércio sob a sua proteção.

*Dioniso (Baco)* entre os Romanos e também entre os Gregos, antiga divindade pelagica, filho de Zeus e da tebana *Seméle*, era representante da Natureza no que ela tem de mais opulento, mais luxuriante e ativo, e, em especial, deus do vinho. Havia muitas festas em sua honra, particularmente as *Bacanais*, as *Dionisias*, as *Antesterias*, etc.

Os *Cábiras*, deuses pelásgicos ou fenícios, eram também divindades terrestres e simbolizavam as forças produtoras da Natureza.

**4º - O mundo heróico**—O *Alcides Heracles (Hércules)* é a personificação da força e do trabalho humano em luta com os obstáculos levantados pela Natureza e pelo Destino.

No Peloponeso originou-se o mito de *Tântalo* com a sua família amaldiçoada. Entre os *Tantalidas* Há a mencionar *Pelops*, *Atreu*, *Tiestes*, *Agamenon*, *Menelau*, e *Orestes*.

Em Lacedemônia foram venerados como heróis os *Tindaridas*, irmãos de Helena, os gêmeos Castor e Polux, e em conexão com eles os *Dióscoros*, estrelas brilhantes propícias aos navegadores.

O fenício *Cadmo* foi o herói fundador de Tebas. Era irmão de *Europa*. Deste tronco descendeu *Laio*, pai de *Édipo*, o herói trágico que assassinou seu pai; matou a *Esfinge*, e casou com sua própria mãe, *Jocasta*. Seus filhos, *Eteócles* e *Polínice*, mataram-se um ao outro, em combate singular, diante de Tebas.

A Tebas pertence também o cantor *Amfion*, tão célebre tocador de lira que, ao som deste instrumento, moviam-se por si mesmas as pedras e formavam a muralha da cidade por ele reconstruída. Era irmão de *Zeto* e marido de *Niobe*.

Na Beócia e na Ática havia o mito de *Tereu* com os de *Progne* e *Filoméla*, metamorfoseadas, a primeira em andorinha, a segunda em rouxinol.

Na Tessália, brotou a lenda dos *Centauros*, semi-homens e semi-cavalos, os quais tiveram grandes combates contra os *Lapitas*. Um dos centauros, *Chiron*, teve por discípulos *Asclepios* e *Aquiles*.

Em Atenas, o herói nacional era *Teseu* filho de *Egeu*. Foi ele quem libertou os Atenienses do oneroso tributo de sete mancebos e sete donzelas que de nove em nove anos tinham de ser enviados para o *Minotauro* de Creta. Matou o monstro e saiu do *labirinto*, graças a um fio que tinha recebido de *Ariadna*, filha do rei. O mito do Minotauro parece ser, segundo os mais recentes estudos, uma expressão do culto sanguinário de Moloque.

## TEMPOS LEGENDARIOS OU PRIMITIVOS TEMPOS HERÓICOS E MÍTICOS DOS HELENOS

**1º - Tempos pelásgicos**—Consideram-se os Pelasgos como os mais remotos habitantes da Grécia, ou, por outras palavras, como a primeira raça que aí deixou alguns germens de civilização. Eram povos talvez originários da Ásia, e, segundo as melhores conjeturas, devem ter-se estabelecido na Grécia em época não posterior ao século XVIII antes da era cristã.

As suas primeiras residências parece que foram na *Tesalia* e na *Arcádia*, sendo, contudo, bem visíveis ainda hoje vestígios da sua existência, nas ilhas do Mar Egeu, na Itália e na Ásia Menor.

Esses vestígios são restos arquitetônicos de um caráter perfeitamente definido; ruínas de aquedutos, de diques, de canais, de muralhas; monumentos chamados, *ciclópicos*, porque as gerações posteriores, absortas diante de obras tão colossais, atribuíram-nas a uma raça de gigantes, os *Ciclopes*, não querendo a imaginação popular convencer-se de que tais moles de pedra tenham sido colocadas umas sobre outras pelas simples forças de que a raça humana pode dispor.

Monumentos de tal modo pesados, e que assombram pela sua enormidade, os homens d'agora, ficaram atestando aos séculos a desgraçada escravidão em que devem ter vivido os povos á custa de cujo suor, sangue, e lágrimas, se ergueram. Tais foram, a par dos muros pelásgicos, a grande muralha chinesa, as pirâmides do Egito, os *téocalis* sagrados, do México.

Outros indícios, mais vagos e incertos, parecem afirmar-nos que entre os Pelasgos havia castas, análogas às orientais, havia uma poderosa e influente classe sacerdotal, e uma aristocracia hereditária para defesa do país...

Dos Pelasgos supõe-se que foram consanguíneos os *Trácios Pierios* (da *Pieria*, estreita faixa de terra na costa SE da Macedônia, que se estendia desde a foz do *Peneu*, até ao *Haliacmon*). Tem celebridade estes povos na história primitiva da música e da poesia grega; no seu país nasceu o culto das Musas, e ali foi sepultado *Orfeu*, o herói mítico cuja voz e cuja lira tinham o dom de arrebataram os homens, de amansar a ferocidade animal, e de predispor à benevolência, os deuses sombrios do mundo subterrâneo. Permitiram-lhe estes que trouxesse dos Infernos sua mulher *Euridice* e voltasse a viver com ela na Terra.

Ao lado d'*Orfeu* coloca-se *Lino*, inventor da elegia, e o sacerdote cantor *Eumolpo*, fundador dos *mistérios de Eleusis*, que legou a direção deles aos *Eumolpídas*, seus sucessores.

Persistia entre os Gregos, nestes e em outros mistérios, como culto secreto, a religião dos Pelasgos. Celebravam-se as *pequenas Eleusinas* na primavera; as *grandes*, que duravam nove dias, no outono. Nelas se dava culto aos mitos de *Deméter* e de *Perséfone*, como forças de concepção, ao de *Dionisos*, como força de produção. A iniciação era feita pelo *hierofante*; além deste, havia grandes sacerdotes, simples sacerdotes e sacrificadores, os quais todos, nos dias de festividade, se vestiam de púrpura e coroavam de mirto.

Pertencem, também, ao ciclo legendário do primitivo povo pelágico os mitos de *Incho* em Argos, de *Egialeu* em Siciônia, de *Pelasgo* na Arcádia, de *Oxiges* na Ática, etc.

Perante a crítica histórica são insustentáveis as lendas do egípcio *Cécrops*, fundador da cidadela (*Cecropia*) de Atenas; do fenício *Cadmo*, fundador de Tebas, introdutor da arte da escrita e da arte de fundir o bronze; do frígio *Pelops* que deu o seu nome ao Peloponeso; do estabelecimento de *Danao* e das *Danaides* na Argólida, etc. Perante as investigações da moderna ciência histórica tem certo fundamento a opinião que admite a originalidade e o caráter aborígine da organização grega, bem como a que enjeita o parecer de ter sido introduzida a civilização na Grécia pelos seus colonizadores do Egito, da Fenícia e da Ásia Menor. Mas, apesar destas asserções, é incontestável que cedo existiu uma corrente civilizadora entre a Grécia e o Oriente, exercendo este sobre aquela uma influência indelével tanto nas instituições da vida civil como nas do sistema religioso.

Isto não obstou a que os Gregos, ou, para melhor dizermos, os Helenos, dessem livre expansão ao seu gênio político, às suas tendências artísticas, às suas

concepções religiosas, confirmado, sobre os Pelasgos conquistados, a superioridade da sua raça e as suas mais vastas aptidões intelectuais.

**2º - Tribos helênicas**—Nada se sabe enquanto á origem e ao aparecimento histórico dos Helenos. Sabe-se que constituíram tribos militares, e que venceram, afugentaram, ou escravizaram, as tribos industriosas dos Pelasgos. Estes procuraram asilo nos desfiladeiros do Olimpo, em alguns pontos da Tessália, do Épiro, da Macedônia, da Ática, da Arcádia, e defenderam por largo tempo a sua independência. No tempo de Homero, havia pouco ainda que tinham sido de todo subjugados.

Presume-se, no entanto, que os Helenos não constituíam uma raça particular, mas sim que formavam tão somente a cavalaria ou parte guerreira dos Pelasgos, a qual submeteu por violência ao seu jugo tanto a classe teocrática como o povo pacífico.

Como quer que fosse, essas tribos guerreiras subdividiram-se em quatro grupos, ou tribos principais, que mantiveram em todo o decurso do seu viver histórico profundas diferenças de usos, de língua, e de regime político.

Essas quatro tribos foram as seguintes: os *Dórios* e os *Aqueus* no Peloponeso, os *Jônios* na Ática e nas ilhas, e os *Eólios* na Beócia e outros pontos.

O nome de *Aqueus* foi, durante os tempos heróicos, o de todas as tribos do povo grego, e por ele são os Gregos designados em Homero. Foi no século IX A. C. que esta denominação se restringiu aos habitantes das margens dos rios do norte do Peloponeso, recebendo os outros Helenos as especificações que dissemos. Crê-se que foram os sacerdotes de Delfos quem, posteriormente, imaginou para as quatro tribos uma genealogia comum.

Essa lenda genealógica foi a seguinte: em tempos remotíssimos houve um dilúvio em que morreram todos os homens com exceção de *Deucalião* e de sua mulher *Pirra*. Andaram estes vogando nove dias numa arca; e, ao fim deles, deram fundo no cume do Pindo, ou, como depois se disse, no do Parnaso. Suplicaram então aos deuses que repovoassem a Terra, e, atendidos na sua prece, receberam ordem para irem arremessando para traz de si *os ossos da mãe*, isto é, pedras da Terra. Das pedras que Deucalião atirou nasceram homens, e das de Pirra nasceram mulheres.

A esta lenda primitiva acrescentou-se em tempos mais recentes a de *Helen*, filho de Deucalião. O primogênito de Helen foi *Eólo*, tronco dos *Eólios*; o segundo foi *Doros*, personificação dos *Dórios*; o terceiro foi *Xuto* (o *expulso*), de quem descendiam *Ion* e *Aqueu*. A outro filho de Deucalião, *Amfitião*, atribuiu-se a instituição da *amfitiônia* (isto é, uma liga em que se abrangiam as diversas

tribos), e a um filho de Pandora, filha de Deucalião, o nome de *Gregos* que os povos do Ocidente deram aos Helenos.

Os sacerdotes de Delfos, versados nos mitos do Oriente, cuja influência transluz em toda esta série de lendas, tiveram um fim altamente patriótico quando pretenderam dar às quatro tribos uma ascendência comum. Quiseram despertar o sentimento da comunidade nacional, dando-lhe uma expressão compreensível.

**3º - Guerra de Tebas.**—Coloca-se este acontecimento no século XIII A. C.; mas todas as datas atribuídas aos fatos dos tempos míticos são absolutamente incertas. Um dos episódios mais remotos das tradições nacionais gregas é a guerra de Tebas, ou, como ordinariamente se diz, a guerra dos sete chefes diante de Tebas.

*Eteócles* e *Polínice*, filhos de *Édipo*, da trágica família de *Laio*, disputavam o trono paterno. Polínice, expulso por seu irmão, refugiou-se na corte de *Adrasto*, rei de Argos, o qual lhe deu uma filha em casamento e o acompanhou até diante de Tebas com um exército comandado por eles ambos e por mais cinco chefes ilustres. Todos os chefes morreram, com exceção de *Adrasto*. *Eteócles* e *Polínice* mataram-se um ao outro em combate singular; e *Créon*, seu tio, sentou-se no trono que os dois irmãos haviam disputado. Créon mandou matar sua sobrinha *Antígona* por haver infringido as ordens dadas por ele para que não fosse concedida sepultura aos dois irmãos; mas *Teseu*, guarda e vingador das leis morais, declarou-lhe guerra e matou-o.

Tempos depois os filhos dos sete vingaram sobre os Tebanos a morte de seus pais na guerra dos *Epigonos* (Postumos). *Laodamas*, filho de *Eteócles*, ou foi morto ou fugiu para a Tessália; e *Tersandro*, filho de *Polínice*, reinou em Tebas devastada.

**4º - Expedição dos Argonautas**—Este grande fato parece ter sido ainda anterior á guerra de Tebas. Nele tem querido alguns críticos ver um resumo poético das primeiras empresas marítimas dos Gregos para o Mar Negro. A expedição dos Argonautas foi dirigida por *Jasão*, de Iolchos, na Tessália, de parceria com 54 heróis entre os mais ilustres d'aquela tempo: *Heracles*, *Teseu*, *Castor* e *Polux* (lacedemósios), *Peleu*, pai de *Aquiles* (Tessaliano), o cantor trácio *Orfeu*, *Piritoo*, *Meléagro*, *Esculápio*, e muitos outros. Partiram para o remoto Oriente, no navio *Argos*, com o fim de conquistarem o vélo de ouro, espécie de paládio da *Colchida*, que um príncipe Tessaliano, *Frixo*, tinha colocado numa floresta consagrada a *Ares* (Marte), e que, segundo a fabula, era guardado por um dragão. O mastro da nau *Argos* era feito do tronco de um carvalho cortado na floresta de Dodona, no Épiro, e pronunciava oráculos.

Hércules abandona a expedição, depois de ter libertado, nas costas da Mísia, Hesione, a quem um monstro marinho ia devorar.

Jasão inspira uma paixão exaltada a *Medéia*, filha do rei da Colchida e conhecedora de todos os segredos da magia; subjuga dois touros com pés e armas de bronze, e que vomitavam chamas, junte-os a uma charrua de diamante e lavra com eles quatro geiras de terra consagradas a Marte; semeia os dentes de um dragão e destes nascem homens armados; vence e mata o monstro que guardava o velocino, e brilhantemente logra conquistar por esta forma o suspirado tesouro; depois, volta com Medéia no seu navio, e a feiticeira Circe protege-o.

As *Nereides* levantam nos braços a nau, para ela passar sem perigo entre Scila e Cáribdes. As *Sereias* intentam perder os nautas com os seus cantos melódiosos, mas Orfeu desfaz-lhes o encanto com os acordes da sua lira. Visitam, em África, o jardim das Hespérides onde Hércules tinha, pouco antes, colhido os pomos de ouro, e chegam finalmente á Grécia.

Durante a viagem, e aqui, Medéia pratica os maiores horrores. Corta em bocados o cadáver de seu irmão e semeia-lhe os ossos ao longo do caminho para demorar com esse espetáculo horroroso seu pai que a vinha perseguindo. Rejuvenesce, em Iolchos, o velho Eson; e induz as filhas de Pélias a trucidarem seu pai, cozendo-lhe os membros numa caldeira com ervas mágicas. Abandonada por Jasão, degola seus próprios filhos; dá á sua rival, Creusa, filha do rei de Corinto, uma túnica envenenada; e, erguendo-se aos ares num carro puxado por dragões com azas, refugia-se na Ática, onde desposou Egeu.

Como se vê, a poesia grega enriqueceu com todas as galas da ficção mais engenhosa, a lenda heróica desta aventura marítima.

**5º - Guerra de Tróia** —De todos os grandes acontecimentos pertencentes ao período heróico da Grécia, este foi o mais notável e é o mais conhecido. Incumbiram-se de perpétuá-lo, desde os mais remotos tempos, a lenda, a arte, a poesia.

A guerra de Tróia é um fato evidentemente histórico, embora as particularidades de que o revestem sejam meras ficções poéticas. A queda da grande cidade Asiática serviu muito tempo de era á cronologia grega. Muitos historiadores consideram este episódio bélico como o termo da luta entre a nacionalidade helênica e a nacionalidade pelásgica; Heródoto via nele simplesmente um grande empreendimento da Grécia contra a Ásia; a poesia explicou-o por um ódio hereditário entre as famílias reais de Tróia e do

Peloponeso, agravado por uma afronta mortal feita por um príncipe Troiano á honra do lar domestico de um monarca grego.

*Príamo* reinava em *Ilion* ou *Tróia*, na costa noroeste da Ásia-Menor. Seu filho *Páris* (ou *Alexandre*) ratou *Helena*, mulher do rei lacedemônio *Menelau*, que lhe havia dado magnífica hospitalidade na sua casa. O marido insultado pediu aos outros reis da Grécia que o auxiliassem a vingar-se, e em breve se organizou uma expedição comandada por *Agamenon*, rei de *Micenas* e irmão de *Menelau*.

A espontaneidade com que tantos príncipes e tantos povos diversos se unem para a mesma empresa comum é significativa. Não ha, como nunca houve, entre aquelas pequenas aglomerações de homens ciosos e independentes, entre tantos e tão vários Estados, a necessária unidade política; não Há uma federação geral; mas vê-se que existem em gérmen todos os elementos de uma nacionalidade. Cinquenta e sete Estados e outros tantos chefes tomaram parte na empresa. Além do *Atrida Agamenon*, rei de *Micenas*, de *Corinto* e de *Siciônia*, fizeram parte da expedição: *Menelau*, rei de *Esparta*; *Aquiles* e o seu amigo *Patroclo* da *Tessália*; *Ulisses*, rei de *Ítaca*; *Diomedes*, rei de *Argos*; *Ajax*, rei da *Lócrida* e *Ajax*, rei de *Salamina*; *Nestor*, rei de *Pilos*; *Idomeneu*, rei de *Creta*; *Filoteto*, que possuía as flechas de *Hércules*; e muitos outros. Partiram do porto de *Aulida* 1.186 navios, transportando para a Ásia mais de 100:000 guerreiros. Uma tradição posterior afirma que, em *Aulida*, *Agamenon* sacrificou a *Artemis* sua filha *Ifigênia*.

Prolongou-se por dez anos a resistêcia da cidade, a qual finalmente foi tomada por artifício, incendiada, e destruída. *Heitor*, filho de *Príamo*, morrera traspasado pela lança de *Aquiles*; *Príamo* foi degolado; *Hécuba* e suas filhas, levadas para o cativoiro; uma delas, *Polixena*, imolada sobre o tumulo de *Aquiles*; *Andromaca*, viúva de *Heitor*, dada a *Pirro*, filho de *Aquiles*, e *Cassandra*, outra filha de *Príamo*, a *Agamenon*. Dos Gregos morreram *Pátroclo*, *Aquiles*, *Ajax* de *Salamina*, e outros. Os vencedores expiaram terrivelmente a sua vitoria. *Ulisses* vagueou dez anos sobre as ondas antes de tornar a ver a sua *Ítaca*; *Menelau*, também, durante oito anos andou perdido e acossado pelas tempestades; *Agamenon*, depois de um regresso atribulado, foi morto por *Egisto*, a instigações da sua infiel esposa *Clitenebra*. *Ajax*, da *Lócrida*, naufragou de encontro a um rochedo onde pereceu. *Teucer*, repellido pela maldição paterna, por não ter vingado seu irmão *Ajax*, foi edificar em *Chipre* uma nova *Salamina*. *Diomedes* fugiu para a *Itália* a fim de se subtrair, no seu reino, a uma sorte análoga á de *Agamenon*. *Filoteto*, *Idomeneu*, e *Epéos*, também foram ter ás costas de *Itália*, onde igualmente encontraram asilo os Troianos *Antenor* e *Enéas*, filho de *Anquises*, considerado, depois, pelos Romanos, como tronco da sua raça.

As façanhas e as desgraças destes heróis foram cantadas pelos poetas nacionais; mas desses cantos, que formavam dois ciclos épicos, só nos restam a *Ilíada* e a *Odisséia*, atribuídas a Homero, poeta que viveu provavelmente no século X antes da nossa era.

## TEMPOS HISTÓRICOS

**1º - As migrações dos Dórios. Jônios e Dórios, raças rivais. Atenas e Esparta** — Os tempos imediatos á guerra de Tróia foram de violentas comoções políticas e de longa anarquia. Desapareceram quase todas as antigas famílias reais, vitimas ou de tragédias domesticas ou de lutas cruentas com outras famílias. Houve além d'isto um grande embate de tribos, ao fim do qual as mais fracas sucumbiram, estabelecendo-se as mais poderosas em regiões novas.

A mais importante destas migrações foi a dos *Dórios* para o Peloponeso. Viviam os Dórios a sua vida pastoril e agrícola junto ao monte Eta , onde tinham, ao cabo de muitas peregrinações, fundado uma república livre, cujo centro moral era o culto de Apolo, no santuário de Delfos, quando os Tessálios e os Beócios os expulsaram daí para o sul. Conduzidos pelos *Heráclidas* (supostos descendentes de Heracles) sustentaram longos combates para fazerem valer as pretensões hereditárias de seus chefes á soberania da Argolida e da Lacônia, onde reinavam os descendentes de Pelops, e conquistaram Por fim a Península do Peloponeso. A pouco e pouco assenhorearam-se da *Argolida*, da *Lacônia*, da *Messênia*, de *Siciônia*, de *Corinto* e da *Megarida*; entraram na Ática; e ameaçavam já Atenas, quando esta foi salva pelo heróico sacrifício de *Codro*, seu rei.

Os *Aqueus*, até então o mais poderoso dos quatro ramos da raça helênica, fugindo diante desta invasão, expulsaram por sua vez os *Jônios* do litoral setentrional e ocuparam o país, que recebeu deles o nome de *Acaia*. Os Jônios atravessaram o istmo de Corinto e estabeleceram-se na Ática, onde já tinham sido precedidos pelos *Eólios* de Messênia e outros fugitivos do Peloponeso. Irradiando ainda daí para as costas ocidentais da Ásia-Menor e para as ilhas de Lesbos, de Chios, de Samos, etc., fundaram as *colônias jônicas* tão célebres pelo alto grau de cultura, de civilização, e de atividade comercial e industrial a que chegaram.

Os Dórios e os Jônios são as duas grandes famílias que d'aqui em diante (século X A. C.) ocupam o plano da História; são os dois povos rivais que vão desenrolar paralelamente com o seu antagonismo duas civilizações, nas quais, sob os mais diversos aspetos, se manifestam todas as formas do gênio grego.

“A *raça dórica*, diz um historiador moderno, menos mesclada, tinha um caráter de gravidade, de energia, de rudeza, de orgulho, que se reproduzia no seu dialeto, nos seus costumes, no seu culto e nas suas instituições políticas. Exclusivamente militar, constituiu quase por toda a parte poderosas aristocracias que reinavam sobre bandos de escravos ou de servos (*hilotas*).

“A *raça jônica* era móvel, aventureira, impressionável, entusiasta; e amava apaixonadamente os prazeres, a liberdade, a glória e as artes. Inclinada para o comércio e para a navegação, era, como todas as populações marítimas, intensamente dominada pelo espírito democrático.

“São estas as feições gerais que nos cumpre indicar aqui, e que veremos de cada vez mais energicamente acentuadas na fisionomia dos Espartanos (Dórios) e dos Atenienses (Jônios), pelos quais estas raças hão de chegar ao seu mais completo desenvolvimento, e que, pelo importante papel que desempenharam, pelo esplendor das suas vitórias, e finalmente pela sua rivalidade sangrenta, mereceram representar, durante muito tempo, os destinos da Grécia toda.”

**2º - Organização social e política** — A Grécia nunca pode atingir a majestosa unidade a que chegou Roma; nunca formou um Estado único. Compôs-se de uma infinidade de Estados, comunidades urbanas, espécies de cantões, entre os quais, de tempos a tempos, havia um que, pelas eventualidades da boa sorte na guerra, passava a exercer predomínio nos outros (*hegemonia*). Assim sucedeu com *Esparta, Atenas, e Tebas*.

Havia, porém, um certo número de laços que uniam todos os diversos Estados entre si, formando por esse modo, até certo ponto, uma nação única, composta de *Helenos*, e para os quais todos os mais povos tinham o nome comum de *Bárbaros*. Esses laços eram a língua, os costumes, e as instituições religiosas.

Na Grécia não havia *castas* propriamente ditas, não havia barreiras insuperáveis entre as classes; as prerrogativas da nobreza eram pouco extensas. Abaixo dos nobres havia os homens livres, que formavam as assembleias públicas e que exerciam uma grande influência moral nas deliberações dos chefes.

Dependiam, porém, principalmente da religião as instituições comuns a todas as tribos helênicas. Ocupava o primeiro lugar a *liga dos Amfitiões*, cujo centro era o oráculo de Delfos, e á qual enviavam deputados doze Estados gregos. Antes de qualquer empresa importante era sempre consultado o Apolo délfico, sendo as respostas, obscuras e muitas vezes equivocadas ou enigmáticas, fórmuladas em sentenças por uma sacerdotisa inspirada (*pitonisa*).

Todas as tribos e todos os Estados gregos estavam igualmente unidos pelo laço das *festas nacionais* com sacrifícios, jogos ginásticos, e concursos de musica. As

mais antigas e mais célebres eram as *festas olímpicas* que, de quatro em quatro anos, se celebravam numa planície da Elida, nas margens do Alfeu; enquanto duravam, havia tréguas gerais em toda a Grécia.

## **ESPARTA. LEGISLAÇÃO DE LICURGO. GUERRAS DE MESSÊNIA**

Os Dórios, que se fixaram na Lacônia, consentiram que os indígenas deste país (isto é, os *Lacônios*) vivessem nas terras que lhes tinham pertencido, mas reduzidos á qualidade de vassalos. Umhas tribos submeteram-se; outras, porém, intentaram sacudir o jugo, e, sendo vencidas, foram colocadas na dura condição de escravas (*hilotas*). Ficou, portanto, havendo na Lacônia três espécies de homens: os Dórios, ou os dominadores; os Lacônios, ou os vassalos; os Hilotas, ou os escravos.

Quando os Dórios conquistaram o Peloponeso, coube a Lacônia em parte aos dois filhos de *Aristodemos*, *Euristenes* e *Prócles*, os quais fundaram aí duas dinastias simultâneas que reinaram em Esparta durante mais de nove séculos.

Os tempos decorridos desde a invasão dórica até Licurgo (1100?—884? A. C.) são quase completamente desconhecidos não só pelo que respeita a Esparta como a todo o resto da Grécia. Nem as tradições nem a poesia, tão fecundas nos tempos heróicos, se quiseram ocupar com esta primeira fase dos tempos históricos. O que se sabe é que os Dórios, relativamente em pequeno número, e estabelecidos no seio de um país hostil, se concentraram em Lacedemônia ou Esparta, e daí tomaram o nome especial de *Espartanos*. Viviam num estado de armamento constante, submetidos a uma rigorosa disciplina militar, habituados, por necessidade da própria conservação, ao jugo de leis duríssimas.

Quando *Licurgo*, patriota espartano da estirpe regia dos Próclidas, pretendeu restituir á sua cidade natal a tranquilidade interna perturbada desde longa data pelas dissensões de algumas famílias poderosas e pelas usurpações de uma aristocracia absorvente da propriedade e dos direitos dos cidadãos, assegurando-lhe assim a antiga preeminência sobre os outros Estados, não teve de inventar as leis que lhe são atribuídas; o que fez apenas foi restaurar o antigo regime dórico.

Das leis de Licurgo eram umas de caráter político, as outras de ordem civil. As primeiras mantiveram as relações estabelecidas entre os Espartanos dominadores e os Lacônios avassalados; conservaram os *dois reis de Esparta*, regulando os direitos da realeza dividida pelas duas casas. Os dois reis deviam pertencer á raça dos Heráclidas, possuindo portanto a sua dignidade por direito hereditário; eram investidos nas mais altas funções do sacerdócio e da justiça; pertencia-lhes o comando dos exércitos e o cuidado de velarem pela execução

dos decretos fórmulados pelo senado, e livremente aceites pela assembléa do povo. O senado (*Gerúsia*) compunha-se de 28 velhos, cuja idade mínima fosse a de 60 anos, pertencentes a famílias nobres. A assembléa do povo (*Eclésia*), na qual tomavam parte todos os cidadãos de mais de 30 anos de idade, tinha o direito de adotar ou de rejeitar sem discussão as propostas feitas pelo senado e pelos reis. Finalmente, o colégio dos *Éforos* (cinco nomeados por um ano) era composto de magistrados que, sendo nos primeiros tempos da sua criação simples governadores de distritos e juízes nas questões civis, chegaram em tempos posteriores a um alto grau de poder, superintendendo nos serviços de todos os funcionários, sem excetuar mesmo os *Gerontes* (senadores), e chegando a tomar contas aos próprios reis.

As leis civis de Licurgo assentaram sobre o principio da mais estrita igualdade entre todos os cidadãos, a começar pela igualdade dos bens. Dividiu ele o solo da Lacônia em 39.000 quinhões, sendo 9.000 para as 9.000 famílias espartanas, ficando esses quinhões indivisíveis e transmissíveis por direito de primogenitura, e 30.000 para os Lacônios, que talvez não passassem de usufrutuários. Os Hilotas não só não tiveram quinhão na partilha, mas ainda foram obrigados a cultivar, como servos e jornaleiros, as terras dos Dórios. As terras assim distribuídas, com a condição de não passarem a mãos estranhas, constituíam uma espécie de feudos militares inalienáveis. Com o mesmo pensamento de manter a igualdade, Licurgo proibiu o luxo; e, para desacreditar a riqueza e torná-la de um certo modo impossível, proscreeu toda a moeda de ouro e de prata, permitindo apenas a de ferro, com peso considerável e diminuto valor, a fim de obstar á acumulação dela. Instituiu as refeições públicas subordinando-as á mais apertada frugalidade. Proibiu também o comércio, as artes e as letras; e ordenou que todos os cidadãos concorressem aos mesmos exercícios físicos, a fim de preparar rijos defensores para o país. No mesmo intuito encaminhou a educação da mocidade, de modo que as crianças pertenciam mais á república do que a seus pais; as que nasciam fracas ou disformes eram impiedosamente mortas, a fim de não alterar o vigor e a beleza da raça.

Assim Licurgo constituiu sobre bases novas a cidade, a família, a propriedade, a educação. Há muitas duvidas sobre o tempo justo em que esta revolução se efetuou, tornando-se provável que levasse a consumir-se um longuíssimo prazo, sendo muito mais resumida a obra de Licurgo.

Na opinião de muitos críticos é contestada a existência do próprio Licurgo, sendo este nome apenas admitido como símbolo de uma serie de revoluções políticas e sociais, compreendidas num período de tempo indeterminado.

**Guerras de Messênia** — Esparta, vendo-se livre das suas dissensões internas, graças á rigorosa legislação de Licurgo, resolveu continuar a conquista do Peloponeso, e estabelecer a sua supremacia sobre os povos que a rodeavam. De 860 a 815 A. C. ocupou-se em reduzir as cidades Lacônias que se haviam emancipado do seu jugo durante o período que ela consumira na sua reorganização civil e política. Depois voltou as suas armas contra Messênia.

Eram os Messênios de raça dórica, como os Espartanos; e, bem como os destes, os seus reis pertenciam ao tronco real dos Heráclidas. Muito tempo viveram em boa paz os dois povos irmãos, prestando culto a Diana no mesmo templo, erguido na fronteira comum, em memória da sua origem fraterna.

Talvez rivalidades de supremacia e de poderio começaram a dividir os dois Estados, alimentando entre ambos hostilidades surdas durante mais de meio século. Por fim, em 766, rebentou uma guerra aberta e geral. Foi a *primeira guerra de Messênia*, a qual durou vinte anos.

Os Messênios depois de uma serie de desastres consultaram o oráculo de Delfos, o qual, pela voz da pitonisa, lhes ordenou a imolação de uma virgem pura, da família real dos Epítidas, para acalmar a vingança dos deuses infernais. Aristodemo imolou sua filha para obedecer ao oráculo; mas, vendo cair Itoma, cuja defesa sustentara durante dez anos, e perdendo a esperança de ver salva a pátria, matou-se sobre o tumulo da filha, tão impiedosa e barbaramente imolada. Os Messênios submeteram-se por fim (723) e os Espartanos impuseram-lhes condições que os escravizavam.

Volvidos quarenta anos de jugo, rebentou a *segunda guerra de Messênia*. Aristómenes, o herói da independência nacional, não somente bateu os Espartanos, mas chegou a penetrar de noite na cidade e a ir colocar um troféu num dos templos desta. Os Espartanos, aterrados, vêem-se reduzidos a pedir um general aos seus rivais, os Atenienses. Estes enviam-lhes, por escárnio, um poeta obscuro, *Tirteu*, o qual perde sucessivamente três batalhas, mas consegue reacender a coragem abatida dos Lacedemônios com os seus hinos heróicos, acabando por conduzi-los á vitoria.

Aristômenes, traído pelo seu aliado Aristocrates, rei dos Arcádios, é vencido na renhida batalha das Trincheiras (680) e retira-se para o monte Ira, onde prolonga por onze anos uma resistência merecedora de melhor êxito. Por fim sucumbiu na luta pertinaz, e retirou-se, preferindo o exílio á escravidão. Esparta submeteu de todo a Messênia, reduziu os habitantes á condição dos hilotas, mas não conseguiu nunca diminuir o ódio implacável dos oprimidos, os quais lhe votaram uma inimizade perpétua.

**Esparta desde a segunda guerra de Messênia até às Guerras Médicas** — Seguiu-se para Esparta um longo período pacífico, de mais de quarenta anos. Ao cabo dele, rompeu a luta com os Arcádios, luta que durou quase sessenta anos, terminando, cerca de 600, pela afirmação da supremacia espartana. Argos teve de renunciar á hegemonia sobre o Peloponeso que lhe pertencera de um modo fugitivo durante algum tempo (768-740), depois de ter perdido, pela bravura do espartano Otríades, a província de Cinúria e a cidade de Tiréa (550), e de ter sido desbaratada perto de Tirinto pelo rei Cleomenes (524). Os episódios de todas estas lutas pertencem mais á poesia heróica do que á História.

Os Argivos, depois dos seus desastres, e sentindo a sua humilhação, tomaram por sistema o conservarem-se afastados, daí em diante, de todas as empresas dirigidas pelos Espartanos, bem como estes se satisfizeram com a honra de terem abatido o poderio dos seus rivais. Nas guerras gerais, em que intervinham todos os Estados do Peloponeso, os Espartanos determinavam as forças que cada Estado tinha de fornecer ao exército confederado, presidiam ao conselho da Liga, e exerciam o comando superior das tropas. Um pouco antes das Guerras Médicas, cerca de 690 A. C., eram o povo mais poderoso da Grécia continental.

## **ATENAS. LEGISLAÇÃO DE SÓLON. OS PISISTRATIDAS. A DEMOCRACIA ATENIENSE**

É capital a diferença entre os Espartanos e os Atenienses, se os considerarmos na escolha da sua forma de governo: ao passo que os primeiros conservam durante séculos a constituição de Licurgo, os segundos passam vezes sem conto de uma para outra constituição, experimentando todas e não os satisfazendo nenhuma.

Com a morte corajosa de Cedro (1068 A. C.) acabou a realeza dos tempos heróicos, e acabou também, ou foi modificada a realeza propriamente dita. Os Atenienses escolheram então na família dos Medontidas (Códridas) um magistrado vitalício, chamado *arconte*, que exercia funções régias, mas privado das principais prerrogativas da realeza.

Esta revolução, que a poesia tradicional cercou de lendas, não pode ser explicada por elas, em boa critica; e parece mais provável que fosse antes uma vitoria das famílias aristocráticas sobre o poder supremo. Essa aristocracia (*Eupaátridas*) formada dos chefes das antigas tribos pelásgicas e dos das diversas emigrações eólias e jônias ficou daí em seguida senhora absoluta do Estado. Instituindo uma sombra de realeza em lugar da realeza antiga, atribuíram, por deferência, a nova magistratura a Médon, filho de Codro, e

conservaram-na em doze dos seus descendentes, sem contudo deixarem de fazer ao arcontado a mesma guerra que haviam feito á realza. Por fim, cerca do ano 752, deram profundo golpe no arcontado perpétuo, reduzindo-lhe a duração a um decênio.

Sucederam-se sete arcontes decenais, até que, em 684, o arcontado se tornou anual e composto de nove arcontes tornando-o assim acessível a todas as famílias nobres e aos muitos elegíveis que ambicionavam tão alto lugar. Nas mãos deles estavam todos os poderes: o político, o judiciário, o civil, o religioso, o militar. Atenas era uma oligarquia pura, governada pelas famílias nobres.

As classes baixas foram então muito oprimidas, tornando-se, em breve, ameaçador o seu descontentamento. Muitos nobres, despeitados com os seus rivais e querendo hostilizá-los, procuraram apoio na oposição popular e deram-se ao encargo de regularizá-la para a fazerem servir aos seus fins. Entre essa nobreza contavam-se as grandes famílias atenienses dos Alcmeônidas e dos Pisistratidas. O povo, incitado e aconselhado por eles, reclamou um código de *leis escritas*, porque até aí apenas havia costumes e leis orais que os Eupátridas, únicos juízes, interpretavam ao sabor das suas paixões ou dos seus interesses.

A nobreza, assim atacada nos seus baluartes, condescendeu com as aspirações do povo e serviu-se dessas mesmas pretensões para comprimir a emancipação do espírito popular. Encarregou um dos seus, o arconte Drácon (620), de redigir a legislação nova. As leis de Drácon eram severíssimas na aplicação das penalidades, sendo castigadas com a morte até mesmo pequenas faltas. A sua dureza inflexível tornou-se proverbial, e ainda hoje se diz *lei Dráconiana* de alguma lei excessivamente severa. Delas disse um orador grego, que tinham sido escritas com sangue.

O efeito de tais rigores foi contraproducente. O povo atacou os Eupátridas, e estes mesmos se guerrearam uns aos outros enfraquecendo assim o seu poder em lutas fratricidas. Levantou-se então em Ímpetos desesperados a luta dos devedores contra os seus poderosos credores, luta análoga á que ensanguentou os primeiros tempos de Roma, antes da sua constituição definitiva.

A aristocracia, quando se viu á beira do abismo e sem esperança de salvar-se, procurou um homem de alta consideração pública, que pudesse servir de arbitro e de mediano. Encontrou-o em *Sólon*, que foi elevado á dignidade de arconte e depois ditador supremo e legislador (593 A. C.).

**Legislação de Sólon** — A constituição de Sólon é um complexo de elementos aristocráticos e de elementos democráticos, como vamos ver.

Sólon começou por facilitar o pagamento das dívidas e restituiu a liberdade a todos os devedores. Para atingir o primeiro resultado, lançou mão de um recurso que a moderna economia pública decerto não aprova, mas que foi vulgar nas sociedades políticas dos antigos tempos: —estabeleceu uma espécie de bancarrota legal; deduziu do capital das dívidas os juros já pagos, e para o reembolso do resto elevou o valor nominal da moeda.

Recusou, porém, aos pobres a partilha das terras que eles reclamavam, e que, para muitos, não era mais do que uma restituição dos próprios bens; e procedia assim, porque o seu intento, sendo o de abolir uma aristocracia opressora, não era contudo o de estabelecer uma democracia pura.

Atacando a aristocracia de raça, instituiu no lugar dela a aristocracia da riqueza, dando assim á constituição do Estado uma base nova. Com este fim, dividiu a população em quatro classes: — á 1.<sup>a</sup> pertenciam os cidadãos que tinham um rendimento anual de 500 *medinos*, isto é, que recolhiam nas suas próprias terras 500 medidas de produtos sólidos ou líquidos (a estes cabiam os grandes cargos, tais como o arcontado, o comando em chefe do exército ou da esquadra); á 2.<sup>a</sup>, os que possuíam uma colheita de 300 medinos, suficiente para fornecer dois cavalos de batalha, um para o amo e outro para o escudeiro; á 3.<sup>a</sup> pertenciam aqueles cujo rendimento anual era de 200 medinos, e que apresentavam uma parelha de muares ou de cavalos, ou uma junta de bois, e podiam servir nas tropas pesadas (*hóplitas*); á 4.<sup>a</sup> competiam os que desfrutavam um rendimento inferior a 200 medinos, e serviam como tropa ligeira ou marinheiros, sendo dispensados de todos os impostos (tinham direito de voto nas assembléias do povo e nos tribunais, mas eram excluídos de todas as magistraturas e dos comandos).

O governo compunha-se de quatro corpos políticos: —os *arcontes*, o *senado*, a *assembléia do povo*, e o *areópago*.

Os arcontes, em número de nove, eram eleitos anualmente e assim classificados: o 1.<sup>o</sup> arconte, que dava seu nome ao ano; o arconte-rei, sucessor do antigo rei-pontífice hereditário; o arconte-general; e os seis guardas da lei (*Tesmótetas*). Eram todos responsáveis perante a assembléia do povo.

O senado compunha-se de quatrocentos cidadãos das três primeiras classes, eleitos anualmente pelas tribos e posteriormente tirados á sorte, mas submetidos antes d'isto a provas rigorosas.

A assembléia do povo era formada pelos vinte mil Atenenses que compunham a cidade política, e estava longe de constituir uma verdadeira democracia. Não passava de um grande corpo privilegiado.

O areópago, essencialmente aristocrático, compunha-se de arcontes que tinham findado o período de exercício do seu cargo. Era uma espécie de senado judiciário e político.

Sólon, ao mesmo tempo que regulou a ordem política, legislou também para a vida civil. Atendeu às condições da família, ao casamento, dotes, tutela de menores, direito de testar, ordem de sucessões, etc.

Só não legislou para o caso de parricídio, pois não admitia que tal crime pudesse ser cometido.

Licurgo tinha proscrito o trabalho; Sólon animou-o e constituiu-o numa obrigação, punindo a ociosidade. Nas suas leis civis o legislador ateniense não sacrificou o homem ao cidadão, nem a moral á política, como fez o legislador espartano.

**Os Pisistratidas** — Apesar da promulgação das leis de Sólon, as dissidências entre as diversas facções recrudesceram; os nobres pretendiam a preeminência absoluta; o povo, não satisfeito com o governo misto de Sólon, queria transformá-lo numa pura democracia.

Á frente do partido popular estava um homem hábil, pertencente á aristocracia da riqueza, *Pisistrato*. A influência que ele exerceu na cidade chegou a contrabalançar a dos magistrados (565).

Pisistrato não era violento, nem exercia rudemente a sua tirania; protegia até as artes e as letras. Em 560, simulando que o haviam querido assassinar no meio da praça pública, conseguiu que lhe fosse dada uma guarda para sua garantia pessoal. Com essa guarda, porém, desarmou os cidadãos, pôs em fuga os seus inimigos, e apoderou-se da cidadela e do governo (560).

No ano seguinte, foi expulso pelos chefes das outras facções, *Licurgo* e *Megacles*; mas conciliando-se com este ultimo, ajudado por ele, pode voltar a Atenas (556). Casou então com a filha do seu aliado Megacles, chefe dos Eupátridas, mas foi outra vez exilado por este, em 547. Voltou dez anos depois, á frente de um corpo de mercenários, que ficaram sendo a sua guarda habitual, e conservou-se no poder até ao fim da vida. Soube, no entanto, honrar, se não legitimar, a sua usurpação com uma gerência hábil e prospera.

Sucederam-lhe (528) seus dois filhos, *Hiparco* e *Hípias*, os quais governaram juntos e perfeitamente tranquilos até 514. Neste ano, dois moços

atenienses, *Harmódio* e *Aristegiton*, movidos por uma violenta animosidade contra os dois irmãos, combinaram matá-los. No dia da festa das grandes Panatenéas, dirigiram-se ao Cerâmico, levando os seus punhais escondidos sob ramos de murta. Hiparco foi morto; mas Hípias salvou-se e impôs ainda durante quatro anos aos Atenenses, um despotismo cruel. A poderosa família dos Alcmeônidas, que estava exilada, logo que achou momento oportuno, resolveu-se a derrubar o último dos Pisistrátidas. Procurando o apoio dos Espartanos e auxiliados por um exército dórico, entraram em Atenas e constrangeram o tirano a uma capitulação que o exilava. Este retirou-se para a corte da Pérsia,— e, vinte anos depois, encontramo-lo combatendo a sua pátria nas planícies de Maratona.

**A democracia ateniense**—A queda de Hípias animou os Eupátridas, dirigidos por *Iságoras*, a intentarem o restabelecimento da oligarquia das famílias nobres. Mas á frente dos Alcmeônidas estava *Clístenes*, arconte epônimo ou primeiro arconte, que reformou as leis de Sólon tirando-lhes os elementos aristocráticos, e foi o verdadeiro fundador do regime popular em Atenas.

Dividiu a população em dez tribos, tendo cada uma dez *demos* ou distritos, e nesta nova organização geográfica e política estabeleceu direitos iguais para todos os cidadãos. Cada dois *demos* formavam uma *naucrária*, á qual incumbia armar e equipar uma *trireme* e fornecer um *éfeta* (juiz) ao tribunal criminal do arconte-rei. Elevou a quinhentos o número dos senadores, eleitos anualmente pelas dez tribos, sendo cinquenta por cada tribo. O arcontado, continuando a ser apanágio dos maiores contribuintes, tornou-se cada vez mais um cargo puramente honorífico. A autoridade do areópago foi limitada na mesma proporção. As assembléias do povo reuniram-se com mais frequência, adquirindo este uma ação direta e preponderante nos negócios públicos. Todo o cidadão, quando chegava aos trinta anos, tinha voto consultivo e deliberativo na assembléia geral e era ato para juiz ou jurado.

Clístenes forneceu, igualmente, ao povo uma arma nova e poderosíssima, o *ostracismo*. Consistia este no direito de exilar por dez anos (honrosamente) todo o cidadão que, pelo seu poder, pela sua grande consideração, ou pela sua excessiva influência, fizesse perigar a igualdade civil, a constituição democrática, e as liberdades públicas. Quando a conveniência de exilar um cidadão nestas condições era apresentada ao povo, este escrevia numa concha (em grego *ostrakon*; e d'aqui a palavra *ostracismo*) o nome d'aquela que tinha de ser banido. Eram necessários, pelo menos, seis mil sufrágios, para a sentença poder ter execução.

O ostracismo não era uma pena aplicada a um culpado; era uma demonstração de honra e de consideração, e ao mesmo tempo uma medida de prudência contra a possibilidade de uma tirania.

Iságoras, chefe da facção aristocrática, pediu socorro aos Espartanos, a exemplo do que haviam feito os Alcmeônidas, a cuja frente estava agora Clístenes, e eles mandaram-lhe o rei Clemenés à frente de um exército. Clístenes foi proscrito com mais setecentas famílias atenienses, e Iságoras submeteu a cidade a um conselho oligárquico de trezentos Eupátridas. O povo sublevou-se, tomou a cidadela, expulsou os Espartanos e Iságoras, abriu as portas da pátria aos banidos, e confirmou as leis de Sólon com as reformas de Clístenes.

Desta forma a democracia triunfou, porque o povo atingira um elevado grau de cultura política e tinha a consciência e o sentimento da sua força, e da sua liberdade. Com a vitória do novo sistema de governo começou o período da grandeza e supremacia de Atenas. Decorrendo apenas vinte anos desde a queda de Hípias até às Guerras Médicas, e sendo eles quase completamente ocupados com dissensões intestinas e com guerras externas contra os Beócios, os Eginetas, os Calcídios e os Espartanos, Atenas conseguiu pelo acerto da sua política e pelas vantagens das suas armas dilatar por toda a Hélade a sua influência política e o seu prestígio. Apossando-se da Eubéa, do Cersoneso da Trácia, e da ilha de Lenos, que Milcíades conquistou, tornou-se uma formidável potência marítima, potência que *Temístocles* ainda engrandeceu mandando construir 200 navios com o produto das minas de prata do Laurion, como em seu competente lugar diremos.

A democracia ateniense, com todas as suas consequências, durou 200 anos, salvo algumas perturbações; e tão longa duração explica-se pela compreensão que todos os cidadãos tinham da vida política e pelas disposições naturais do povo, de modo que a nova forma de governo não era um acidente, mas sim uma constituição profundamente radicada. O povo compreendia que a sua soberania própria estava na soberania da lei e na inviolabilidade desta, e não tolerava o arbítrio individual.

*Aristides*, uma das mais puras individualidades entre os estadistas de todos os povos, pôs o remate às instituições de Sólon, abrindo a carreira do arcontado e das outras funções públicas a todos os cidadãos, sem privilégios de nascimento nem de riqueza.

**Os sete sábios da Grécia** — Por esta designação vulgar, ficaram sendo conhecidos uns homens eminentes da Grécia, a quem o povo atribuía sentenças e máximas concisas de verdadeira sabedoria experimental e prática. Eram os representantes da ciência e da experiência moral, política e social, do século VI. Ha, porém, confusão e divergência nos nomes deles, e nas sentenças que lhes são atribuídas. Segundo a maioria das versões, os sete sábios eram: os quatro filósofos da Grécia Asiática, *Tales*, *Pitaco*, *Bias* e *Cleobulo*, de Lindos, na ilha de Rhodes; e os três da mãe-pátria, *Sólon*, de Atenas; *Chilon*, de Esparta;

e *Periandro*, de Corinto, sendo às vezes substituído este último por *Ferecides*, de Sciros, ou *Mison*, de Lacônia.

**Escravidão e servidão**—A escravidão na Grécia data dos tempos pelásgicos, como o provam os monumentos ciclópicos, demonstrando evidente de que os homens empregados em erguê-los viviam nas condições de uma escravidão duríssima. Há vestígios dela: —nas lendas dos tempos primitivos, como nos mitos, de Apolo, escravo de Admeto, e de Hércules, duas vezes escravizado; no tributo de mancebos e donzelas, imposto por Minos aos piratas atenienses; na constituição das repúblicas cretenses; e, finalmente, nos próprios poemas homéricos.

No começo dos tempos históricos, os Tessálios, submetendo os povos das regiões onde foram estabelecer-se, reduziram-nos, pelo confisco das suas propriedades, a um regime análogo á servidão da gleba. Estes servos tiveram o nome de *penestes*. Durante a guerra do Peloponeso, um cidadão de Farsália pôs 1:200 *penestes* á disposição de Atenas.

Os Dórios instituíram no Peloponeso as mesmas formas de servidão, e, quando terminaram a conquista da Lacônia, dividiram os indígenas, em duas grandes classes de servos: os *periecos* e os *hilotas*.

Os *periecos* tinham-se submetido voluntariamente, e foram-lhes deixadas as suas cidades e uma parte dos campos. Tiveram 30.000 lotes na partilha atribuída a Licurgo. Pagavam tributo, não tinham direitos políticos; eram, contudo, de condição livre, e tomavam parte nos jogos olímpicos. Dedicavam-se ao trabalho, ao comércio, á industria: teciam ricos mantos de púrpura, faziam calçado luxuoso, fabricavam armas magníficas, obras cinzeladas, etc. Houve entre eles alguns artistas muito notáveis. Nos exércitos, formavam as guardas ligeiras; nas armadas eram marinheiros peritos,—e alguns periecos houve que as comandaram, nas guerras marítimas com os Atenienses. Finalmente, os periecos tinham escravos seus para os trabalhos agrícolas.

Os *hilotas* eram verdadeiros escravos; não constituíam uma sociedade á parte e vivendo a sua vida própria, como os periecos. Eram inteiramente submetidos aos Espartanos. Cultivavam as terras, guardavam os rebanhos, trabalhavam nos serviços domésticos, e, na marinha, eram remadores. Desprezavam-nos, tratavam-nos barbaramente, chegando a ponto não só de serem açoitados todos os anos para se lhes lembrar a sua abjeção, como também de serem caçados e mortos (*eritia*), em verdadeiras correrias pelos campos, como bestas-feras. O número dos hilotas dos dois sexos, que havia na Lacônia, elevava-se a 200.000, os quais juntos com 120.000 periecos formavam uma população dez vezes maior que a dos Espartanos.

Estes últimos tinham também escravos estrangeiros dos dois sexos. O direito de alforria era exclusivo do Estado. Os libertos não eram elevados á categoria de cidadãos; ficavam em diferentes condições particulares, com os nomes de *epeunatas*, *cruteros*, *afétas*, *neodamodos*, etc.

Em Creta, onde o regime era o mesmo que em Esparta, encontram-se as mesmas formas de servidão: populações submetidas análogas aos periecos; escravos do Estado sob o nome *denoítas*; escravos empregados na cultura dos campos e no serviço dos cidadãos (*afamiotas* e *clarotas*), bem como escravos comprados no estrangeiro.

Encontram-se igualmente, as mesmas formas em todas as regiões, onde se estabeleceram os Dórios, tais como nos *orneatas* e nos *ginetas* “homens nus” da Argólida; nos “*cinófilos*” “raça de cães” de Corinto; nos “*conipodos*” “de pés empoeirados” de Epidauro; nos *craulidas* de Delfos; nos *calicírios* de Siracusa, etc.

Em Atenas o tratamento dado aos escravos era mais benigno, sem contudo deixarem estes de ser considerados coisas, e, como tais, estavam submetidos ás leis que regem a propriedade.

Havia, também nos templos, em diversas cidades da Grécia, bandos de escravas que, com o nome sagrado de *hierodulas*, eram votadas ao culto de Venus. O templo de Venus, em Corinto, encerrava mais de mil dessas cortesãs, as quais desfrutavam grande consideração pública por concorrerem para a prosperidade da cidade, atraindo a esta um grande número de estrangeiros.

## **AS GUERRAS MÉDICAS**

**Sublevação dos Gregos da Ásia-Menor** — Quando a Pérsia, na expansão do seu engrandecimento, atingiu os seus limites naturais na Ásia, só lhe restava aberto o lado de noroeste (isto é, a Europa) para a dilatação das suas fronteiras.

Começou por encontrar as ricas cidades gregas disseminadas pelas ilhas e pelo litoral do Mediterrâneo, e submeteu-as. Mileto entregou-se sem resistência; outras opuseram-se tenazmente ao jugo, mas Por fim todas foram absorvidas pelo colosso Asiático. Anexadas ao Império, carregadas de impostos, conservaram, no entanto, uma tal ou qual autonomia sob a autoridade absoluta de chefes escolhidos pelo vencedor no partido aristocrático de cada uma, responsáveis pela obediência e fidelidade dos seus concidadãos e dependentes do sátrapa da respectiva província.

Isto durou pouco mais de meio século. Porém, no tempo de Dario, manifestou-se uma sublevação geral contra o poderoso Império.

Histieu, príncipe de Mileto, estava em Susa, capital da Pérsia,—e deixara Aristágoras, seu genro, com o governo da cidade. Parece que este, humilhado pela altivez do governador da Ásia-Menor, e receoso do castigo com que os Persas procurariam puni-lo, por ter aconselhado e dirigido uma empresa contra Naxos, que a facção aristocrática queria entregar aos Persas a fim de se apoiar neles para consolidar a sua preeminência, quis experimentar a sorte das aventuras provocando uma revolta entre os Gregos descontentes. Sublevou a Jônia (501),—e a sublevação propagou-se como um incêndio por toda a costa da Ásia, desde a Caria até Calcedônia sobre o Bósforo.

Os revoltosos mandaram pedir socorros a Esparta e a outros Estados poderosos da mãe-pátria; mas só Atenas e a pequena cidade de Erétria na Eubéa enviaram um pequeno número de navios. Ao principio as vantagens foram todas do lado da sublevação; os Gregos conquistaram e incendiaram Sardes, capital da Ásia-Menor. Mas dentro em breve a sorte das armas mudou: o exército nacional grego foi derrotado em Efeso pelo governador persa; e por fim a desproporção das forças, a falta de unidade entre os confederados, e a traição, lançaram-nos outra vez sob o jugo que pretendiam sacudir. Em 494 foi destruída Mileto. Dos Milesianos foram uns passados á espada, outros levados cativos para o Tigre inferior. Aristágoras fugiu para os Trácios da margem do Strimon, onde foi morto. Histieu, que, voltando á Jônia, se tinha ligado com os revoltosos, morreu crucificado; a Caria e a Jônia foram reduzidas e severamente castigadas; e Dario jurou tirar uma vingança cruel das duas cidades, Atenas e Eretria, que tinham auxiliado os revoltosos.

**Primeiras expedições dos Persas** — Resolvido a pôr em prática os seus projetos de vingança contra os Gregos, Dario, excitado também pelas instancias do antigo tirano de Atenas, Hípias, deu a seu genro Mardônio (492) o comando de um exército, que devia penetrar na Europa pela Trácia, seguindo a esquadra ao longo das costas. Ao mesmo tempo os arautos do grande rei reclamavam dos diversos Estados gregos *a terra e a água*, símbolos de submissão.

Mardônio, por uma hábil medida política, assegurou a sua retaguarda e as suas bases de operações, acabando de pacificar a Jônia por meio de uma concessão singular: depôs em todas as cidades os tiranos, e restabeleceu o regime democrático, ou pelo menos o governo das cidades pelos seus próprios cidadãos.

Nada lhe valeu, porque todas as circunstâncias conspiraram contra ele. A esquadra submeteu a ilha de Tasos, mas foi despedaçar-se quase toda por uma tempestade ao dobrar o promontório do monte Atos. Perderam-se trezentas galeras e vinte mil homens; e Mardônio, que tinha já subjugado parte da Macedônia, reconhecendo que não podia continuar a conquista, voltou para a Ásia (492), com o resto do seu exército.

Os arautos que, em nome de Dario, se adiantavam reclamando *a terra e a água*, segundo a fórmula de homenagem que os Persas exigiam dos povos que subjugavam, não foram melhor sucedidos. Égina e muitas outras cidades obedeceram-lhes; mas, quando eles se apresentaram com a mesma exigência diante de Esparta e de Atenas, a indignação dos habitantes destas cidades foi tão grande que, olvidando o direito das gentes, mandaram-nos matar. Os Espartanos atiraram-nos a um poço, dizendo que procurassem no fundo dele a terra e a água que quisessem.

Dario, cheio de indignação com um tal insulto, enviou logo segunda esquadra, com muitas tropas de desembarque, sob o comando de Dátis e de Artafernes. Esta atravessou o Arquipélago, onde obrigou Naxos e as outras Cíclades a submeterem-se, e chegou em seguida á Eubéa, onde bloqueou Eretria, capital da ilha, a qual lhe foi entregue pela facção aristocrática. A cidade foi arrasada e os habitantes remetidos como escravos para o interior da Ásia (490). Em seguida os Persas, conduzidos por Hípias, desembarcaram nas costas da Ática, e acamparam, a algumas léguas de Atenas, na planície de Maratona, habilmente escolhida como favorável para as grandes evoluções de cavalaria.

**Batalha de Maratona** — Mandou Atenas, neste grande aperto, pedir o auxílio de Esparta; mas os Espartanos, detidos por um uso supersticioso, que lhes não permitia partir para a guerra antes da lua-cheia, pediram dez dias de espera. Os Atenienses, a quem a dificuldade das circunstâncias não permitia delongas, marcaram ao encontro do inimigo. As dez tribos forneceram cada uma mil homens e um *stratégo* ou general, sendo o comando em chefe conferido a Milcíades. O exército dos Persas era dez vezes mais considerável, o que não obstou a que a sua derrota fosse completa. *A batalha de Maratona* (490) inaugurou com gloria o Império e o prestígio da democracia ateniense.

**Morte de Milcíades** — Em seguida, Milcíades convenceu os Atenienses a armarem uma esquadra para conquistarem as ilhas do Mar Egeu que tinham prestado homenagem aos Persas. Foi sitiá Paros; mas teve de levantar o bloqueio com perdas, regressando com a esquadra a Atenas. Aí foi acusado por Xântipo, um dos primeiros personagens da cidade, pai de Péricles, de ter enganado o povo, lesado o tesouro público, e causado a morte de um grande número de cidadãos. Milcíades não pode comparecer no tribunal, por estar gravemente doente de uns ferimentos recebidos em Paros, e foi condenado ao pagamento de uma multa equivalente ao dispêndio que tinha feito a expedição. Morreu da sua ferida pouco depois,—e seu filho pagou a multa, para não ficar incurso na incapacidade legal para o exercício de qualquer cargo público.

**Aristides e Temístocles** — Atenas subiu ao primeiro lugar entre as nações gregas, e no seu seio travou-se em breve o conflito de duas ambições rivais. Dois homens, Aristides e Temístocles, disputavam um ao outro a influência e o crédito: — Aristides, dotado de tal retidão que recebeu o nome da *Justo*; Temístocles, homem de gênio militar o político, tendo as mais altas qualidades, infelizmente maculadas por grandes defeitos. Temístocles era o chefe do partido popular. Quando se tratou de dar sucessor a Milcíades no comando da esquadra, ele obteve a preferência sobre o seu rival. Submeteu algumas das ilhas do Mar Egeu; mas, quando voltou a Atenas, encontrou Aristides á frente de um grande partido (o aristocrático) que o apoiava. Romperam grandes desinteligências entre as duas parcialidades, e Por fim Temístocles conseguiu obter a expulsão de Aristides, por meio do ostracismo. O povo não teve em vista, com esta medida, castigar um homem cujas virtudes apreciava; o que pretendeu foi enfraquecer o partido da nobreza, tirando-lhe o chefe.

Temístocles, ficando chefe da república, e compreendendo, ao contrario de todo o povo, que a derrota dos Persas em Maratona não era o termo da luta, mas sim o começo de guerras novas, viu com admirável penetração que o futuro da Grécia dependia do seu engrandecimento marítimo, e não deixou um momento de pugnar pela criação da marinha ateniense, a fim de opô-la um dia a novas invasões dos Asiáticos, e ao mesmo tempo para garantir a Atenas o senhorio do mar e a preponderância sobre os outros Estados gregos.

Para conseguir a realização dos seus projetos, obteve de Delfos uma sentença que o favorecia. O oráculo declarou que a salvação dos Atenienses dependia de se abrigarem cobertos por “muros de madeira”. Por estes muros o povo entendeu “navios”. O produto das minas de prata do Laurion era até então consumido em festejos públicos ou distribuído pelos cidadãos. Temístocles obteve que fosse empregado na construção de cem *triremes* de guerra, e para melhor fazer aceitar a sua proposta valeu-se do profundo rancor que os seus concidadãos tinham á ilha de Égina, por se haver rendido espontaneamente aos Persas, e levou-os a aprovarem o aumento das forças navais com a mira no castigo dos Eginetas.

**Expedição de Xerxes**—Dario, o orgulhoso monarca persa, humilhado com o desastre de Maratona, estava preparando os elementos para uma desforra memorável quando a morte o surpreendeu. Seu filho e sucessor, Xerxes, herdeiro do seu ódio e dos seus sentimentos de vingança, adotou os projetos paternos e prosseguiu nos armamentos que, em larga escala, se estavam acumulando havia três anos. Segundo a narrativa de Heródoto, fundada na tradição popular e poética, o exército Asiático atingiu o número de 1.700.000 homens, sendo a esquadra de mais de 1.200 navios de alto bordo.

Em 481, depois de ter atravessado o território de Ílion, chegou aquela imensa mole de gente às praias do Helesponto. Sete dias, sem interrupção, levou o exército a passar sobre duas pontes de barcos. Era um misto de povos e nações diversas: Persas, Medos, Assírios, Árabes, Sácios, Hindus, Mongóis, Etíopes, etc. Depois da passagem do Helesponto, dirigiu-se do Cersoneso para a Macedônia e para a Tessália através da Trácia. Os povos das diferentes regiões atravessadas, tais como os montanheses da Dorida, do Pindo, do Ossa, do Pélion, do Olimpo, os Tessálios, uma parte do Beócios, correram a oferecer ao grande rei as suas homenagens. A esquadra, neste meio tempo, ia avassalando os mares e apossando-se das ilhas.

Temístocles conseguiu, com os seus esforços patrióticos, fundar uma liga composta dos restantes Estados gregos, que o terror do inimigo não abalara de todo. Formou-se uma dieta, sob a hegemonia de Esparta, no istmo de Corinto. Por um momento foram esquecidas todas as dissensões internas.

**As Termópilas** — Em Julho de 480, exatamente quando se celebravam os jogos olímpicos, apareceram as avançadas do exército de Xerxes em frente do desfiladeiro das Termópilas. Aí as esperava *Leônidas*, um dos dois reis de Esparta, o qual, segundo o plano de defesa combinado, tinha por missão deter os Persas nessa estreita garganta, que conduzia da Tessália para a Lócrida, cobrindo ao mesmo tempo a Grécia central. Ao mesmo tempo o exército naval dos Gregos esperava as esquadras de Xerxes no estreito de Artemision. Para defender o Peloponeso, ultimo refugio da independência helênica, estava um exército de reserva acampado no istmo.

O rei lacedemônio comandava sete mil homens, entre os quais se distinguiam trezentos Espartanos. Foi com estes que Leônidas se postou no desfiladeiro, pronto a fazer frente a toda a inundação Asiática. Intimado a entregar as armas, Leônidas respondeu: — “Vem buscá-las!” Quando o inimigo apareceu á vista, disse um grego: — “Os Persas estão ao pé de nós”, a que Leônidas replicou: — “Porque não dirás antes que nós estamos ao pé dos Persas?” Os soldados valiam tanto como o chefe. Disse um deles, atemorizado, que os inimigos eram em tão grande número, que as suas flechas escureceriam o sol.— “Tanto melhor, respondeu outro, combateremos á sombra”. Leônidas desejava salvar dois mancebos espartanos; deu a um deles uma carta, a outro uma comissão para os éforos.— “Não estamos aqui para levar recados; estamos para combater”.

Durante muitos dias procurou o Rei dos Persas forçar a passagem; e já quase desesperava de consegui-lo, quando um traidor grego lhe ensinou um atalho por meio do qual se podia tornear a inexpugnável posição.

No dia seguinte, os Gregos de Leônidas vêm-se cercados pelo inimigo. Os trezentos Espartanos, e setecentos habitantes da cidade de Téspia, resolveram sacrificar-se pela pátria. Ali sucumbiram todos, combatendo como leões. Xerxes, que tinha perdido vinte mil dos seus melhores soldados, sentiu a humilhação da sua vitória. Pelo contrario, o sentimento nacional dos Gregos exaltou-se com esta derrota gloriosa, e decidiram-se a defender a liberdade e a independência até á morte.

**Batalha de Salamina** — Durante este tempo, conservava-se no estreito de Artemision a esquadra grega, comandada superiormente pelo espartano Euríbiades, comandando Temístocles as galeras atenienses. Fazia-lhe frente a imensa esquadra dos Persas, e entre pequenas frações das duas armadas haviam-se travado já algumas escaramuças e combates parciais.

Quando se soube que tinha sido forçado o desfiladeiro das Termópilas, e que Xerxes, depois de devastar a Fócida e a Beócia, avançava sobre Atenas, determinado a destruí-la, os Atenienses esperavam que todas as forças aliadas tentariam defender a Ática. Mas os outros Gregos, cuidando especialmente em cobrir o Peloponeso, só pensavam em fechar o istmo de Corinto, já fortificado por uma formidável muralha.

Temístocles fez então revogar a lei de exílio contra Aristides, e determinou o povo a abandonar Atenas para se não expor á lei do vencedor; as mulheres e as crianças foram para Trezena, para Égina e para Salamina; os homens recolheram-se á esquadra; e a cidade foi incendiada e devastada.

A esquadra persa ancorou na enseada de Falera. Os Gregos, assustados, deliberam abandonar o estreito de Salamina e aproximar-se do istmo onde estão reunidas as forças de terra. Contra esta deliberação insurgiu-se Temístocles, por entender que o combate seria mais favorável numas águas apertadas, onde a grande esquadra persa, não podendo mover-se á vontade, perderia parte das vantagens do número. No conselho dos chefes, foi tal a energia da sua opposição, que o almirante-supremo, Euríbiades, levantou contra ele o bastão de comando.— “Bate, mas ouve!” replicou Imperturbável Temístocles, contendo assim o ímpeto do feroso espartano.

De nada lhe valeu a perseverança com que procurou dissuadir os outros chefes. Recorreu então a um estratagem que, se não sortisse efeito, poderia ser tomado por uma traição horrorosa. Enviou a Xerxes um mensageiro secreto, a informá-lo das divisões dos Gregos e do projeto de retirada, e lembrando-lhe que os fechasse no estreito, onde poderia aniquilá-los com facilidade.

Imediatamente Xerxes deu ordem para bloquear a ilha e a esquadra grega. Foi Aristides quem, regressando do exílio e tendo atravessado a esquadra inimiga,

deu aos Gregos a notícia de estarem envolvidos. Só restava combater desesperadamente. Foi o que se fez.

O papel de Temístocles, quaisquer que sejam as suspeitas que a História tenha de reservar sobre a fidelidade e boa fé deste homem estranho, é incontestável que foi decisivo nesta batalha memorável. A vitória dos Atenenses foi completa, e salvou a Grécia. Xerxes retirou-se abatido e com precipitação, através da Tessália, da Macedônia e da Trácia, onde grande número dos seus soldados morreram de fadigas, de frio e de fome; e tornou a atravessar o Helesponto. Os Espartanos, tão ciosos das glórias alheias, deram espontaneamente uma coroa de oliveira a Temístocles.

**Batalhas de Platéia e de Mícale** — Na Tessália ficaram trezentos mil homens, sob o comando de Mardônio, para efetuarem a submissão da Grécia. Passado o inverno, desceram através da Beócia; devastaram a Ática, de novo abandonada pelos confederados; e ocuparam Atenas, quase completamente em ruínas e deshabitada. Mas, na grande *batalha de Platéia* (479), os Gregos, comandados pelo espartano *Pausânias*, o qual tinha sob as suas ordens Aristides, general dos Atenenses, obtiveram sobre o exército inimigo, três vezes superior em forças, uma vitória tão completa que a maior parte dos inimigos, incluindo o seu general, ficaram no campo de batalha. Apenas 40:000 homens tornaram a atravessar o Helesponto.

No mesmo dia desta assinalada batalha, a esquadra grega, comandada pelo rei espartano *Leotíquidas*, derrotou a esquadra persa em frente do promontório de Mícale, na Ásia-Menor. Xântipo, pai de Péricles, comandante dos navios atenienses, teve uma parte importante na glória desta grande ação naval.

## HEGEMONIA DE ATENAS

**Reação da Grécia sobre a Ásia** — Depois destas vitórias, Aristides fez aceitar aos aliados a idéia de uma *liga* permanente contra a Pérsia; e decidiu as ilhas e os portos gregos a concluírem uma aliança com os Atenenses (476), obrigando-se a fornecerem dinheiro e navios para a continuação da guerra. O centro da Liga estabeleceu-se em Delos, e aos Atenenses coube a gerência financeira da associação e o comando da esquadra comum.

Uma tendência irresistível impelia os Gregos para a Ásia. Apenas a invasão fora repelida e logo os Atenenses retomaram Sestos e o Cersoneso da Trácia. Em 477, a esquadra, comandada por Pausânias, apoderou-se de Chipre e de Bizancio, e chamou á liberdade as cidades gregas da Ásia.

O contato com os povos do Oriente causou a perda do general espartano Pausânias. Este, quando tomou Bizâncio, aprisionou alguns persas de elevada hierarquia, entre os quais se contavam alguns parentes do Rei. Pausânias restituiu-os a Xerxes, contra vontade dos outros confederados, e mandou prometer ao Rei da Pérsia que o auxiliaria a combater Esparta e a dominar a Hélade, mediante a condição dele lhe dar uma filha em casamento e de o fazer governador do Peloponeso. O Rei da Pérsia aceitou a proposta, e Pausânias tornou-se tão arrogante que chegou a esquecer as leis e os costumes de Esparta. Adotou o uso de vestuários magníficos, entregou-se a excessos de mesa, tomou para seu serviço criados médos e egípcios, tornou-se odioso pela sua altivez, fazendo a autoridade espartana detestada. Chamado a Esparta, continuou a manter inteligência com Xerxes e a preparar os meios de se apoderar do poder absoluto. Sendo descoberta a sua traição, refugiou-se no Templo de Minerva Calcioecos, de onde não era possível arrancá-lo sem cometer sacrilégio; e por isso os Éforos mandaram tirar o teto ao edifício, e entaipar as portas, deixando-o ali morrer de fome.

Enquanto isto sucedia com Pausânias, que, pela sua defecção, fazia perder a Esparta o comando supremo dos aliados,—Temístocles engrandecia Atenas, cercanda-a de muralhas, construindo o porto do Pireu que se tornou uma cidade, e que posteriormente foi unido a Atenas, que lhe ficava á distancia de 7 quilômetros, por dois longos muros concluídos no tempo de Péricles. Atraiu á Ática, por meio do oferecimento de grandes vantagens, excelentes operários estrangeiros, e fez decretar que todos os anos se construísse um certo número de *triremes*, para assegurar a supremacia marítima da sua pátria. Em 474, os seus inimigos políticos conseguiram exilá-lo por dez anos, por meio do ostracismo; e os Espartanos, que o detestavam, pelo modo como ele engrandecera Atenas, acusaram-no de ter tomado parte na traição de Pausânias, por não o haver denunciado, e citaram-no a comparecer perante um tribunal da confederação, cuja presidência pertencia a Esparta. Temístocles, perseguido, conseguiu a muito custo e através dos maiores perigos, retirar-se para a Ásia (466) onde o Rei da Pérsia o recebeu com a maior consideração dando-lhe por apanágio três cidades da Ásia-Menor. O fim da sua vida foi obscuro.

**Cimon e a grandeza marítima de Atenas** — A Pausânias sucedeu Cimon, filho de Milcíades, no comando em chefe dos confederados. Era da facção dos Eupátridas, que o opunham a Temístocles. Contudo, Apesar de aristocrata e apoiado por eles, estava-lhe reservado o fazer triunfar por toda a parte a influência da democracia ateniense; embora adversário de Temístocles, coube-lhe o papel de realizar o pensamento patriótico deste grande homem.

Começou por expulsar os Persas da sua ultima estação na Trácia, e conquistou o litoral onde os Atenienses então fundaram Amfipólís; expulsou os piratas da ilha

de Sciros dividindo a ilha por colonos atenienses; percorreu como vencedor as costas da Caria e da Lícia, libertando do domínio Asiático as cidades gregas. Ganhou (em 466) duas batalhas no mesmo dia (uma terrestre, outra naval), nas margens do Eurimédon, o que assegurou a Atenas o Império do mar, e tentou uma brilhante expedição contra a ilha de Chipre (460), para arrancá-la aos Persas. Em 458 foi votado ao ostracismo, pelas suas opiniões aristocráticas, que o levaram a opor-se ao movimento progressivo da democracia na cidade. Morreu em Chipre, em 449.

**Atenas até á paz de Péricles** — Na luta com a Pérsia crescia o poder ateniense, sem proveito particular para os outros povos aliados. Começaram estes a mostrar o seu descontentamento, que Cimon explorou com habilidade suma. Levou-os a substituir o seu contingente de soldados e de marinheiros por um aumento de contribuição para o cofre da Liga em Delos, e a entregarem-lhe as suas galeras vazias. Deste modo desarmou-os, transformando-os de aliados e de confederados em tributários e em vassalos. Deixou até de os consultar, transportou para Atenas o tesouro helênico, e dilatou a sua influência enérgica até ao governo interno das cidades.

*Naxos* revoltou-se (463), mas foi castigada e teve de suportar o estabelecimento de uma colônia ateniense; a ilha de *Tasos* perdeu os seus navios, as suas ricas minas de ouro nas costas da Trácia, e a sua independência; *Égina* foi conquistada (457) depois de uma grande luta, os seus habitantes expulsos e ela repovoada por colonos áticos; *Mégara* caiu também na dependência de Atenas; *Caristos*, na Eubéa, teve a mesma sorte.

Os Espartanos, ciosos da preponderância dos seus rivais, preparavam-se para guerreá-los, Apesar da luta em que andavam com Argos e outras cidades do Peloponeso, quando uma serie de calamidades os feriu. Um espantoso terremoto, que abalou, a Arcádia e a Lacônia, precipitou sobre Esparta um grande desmoronamento do monte Taigeto (465). A maior parte da cidade ficou em ruínas, perecendo vinte mil pessoas.

Os hilotas, crendo favorável o momento para a sua emancipação, atacaram os sobreviventes, mas foram repelidos. Dispersando-se e fugindo, ligaram-se com os Messênios que, revoltando-se de novo, se entrincheiraram no monte Ítoma, começando uma *terceira guerra de Messênia*, a qual durou dez anos (464-454).

Foi só depois de finda esta guerra, que os Espartanos puderam voltar as suas atenções para Atenas. Invadiram a Hélade com um formidável exército, sendo o seu fim contrabalançar a influência de Atenas com o restabelecimento da hegemonia de Tebas sobre as cidades beócias, a qual tinha sido aniquilada durante as Guerras Pérsicas.

Ganharam a vitória de *Tânagro* (456) contra os Atenenses, comandados por Péricles. Mas, dois meses depois, Mirônidas inutilizou todas as vantagens adquiridas pelos Espartanos, ganhando a batalha de *Cenofita*,—batalha que tornou os Atenenses senhores da Fócida, da Lócrida e da Beócia.

Chegara, assim, Atenas ao apogeu da grandeza, de onde em breve tinha de cair, porque a própria extensão das suas possessões lhe havia de ser fatal. Romperam dissidências entre Atenas e Esparta, por causa da intenção no Templo de Apolo. Os Espartanos queriam-n'a para os de Delfos, seus aliados; os Atenenses, aliados dos Focídios, sustentavam as pretensões destes, os quais as fizeram triunfar pelas armas. Um exército espartano restituiu o templo aos primeiros; um exército ateniense, comandado por Péricles, retomou-o para os segundos (448). Estas excursões guerreiras dos dois povos dominantes, através da Beócia, acenderam os ódios dos partidos; e os exilados beócios da facção aristocrática puseram-se em campo, chegando a apossar-se de várias cidades. *Tolmídas*, general ateniense, atacou-os com pequenas forças, e foi completamente desbaratado na batalha de *Coronea* (447). A Beócia caiu, de novo, sob o poder de Tebas; Mégara e a Eubéa revoltaram-se, e um exército espartano, atravessando o istmo, chegou ameaçador às fronteiras da Ática. Péricles comprou a peso de ouro o general lacedemônio; e concluiu com ele um tratado em virtude do qual Atenas, para não perder a Eubéa, restituiu todos os pontos de que se havia apossado nas costas do Peloponeso.

As duas cidades rivais ajustaram uma trégua de 30 anos (445), garantiram mutuamente as suas hegemonias. Assim ficou Esparta com a preponderância continental; Atenas, com o domínio do mar.

## **O SÉCULO DE PÉRICLES**

Péricles, grande estadista e guerreiro, que nasceu em 494 A. C., era filho de Xântipo, o vencedor dos Persas em Mícale. Apesar da sua ascendência nobre, adotou os princípios democráticos e pôs-se á frente do partido popular.

Em 461 começou a aparecer nos negócios públicos, e induziu o orador Efiltes a propor um decreto que arrancava ao areópago as suas mais importantes atribuições para as transferir para o povo, despojando assim aquele supremo conselho da nobreza, de todo o seu poder moral e dos seus privilégios aristocráticos, transformando-o num simples tribunal de jurisdição muito limitada. O decreto foi aprovado; e quando Cimon, ao regressar de uma das suas expedições, tentou operar uma contra-revolução a favor da aristocracia, o povo votou-o ao ostracismo, como já dissemos.

Foi discípulo, em dialética, de Zenon deléa; e de Anaxágoras, nas altas concepções filosóficas,—adquirindo nos hábitos sérios de um estudo profundo e de uma reflexão aturada, uma certa majestade grave e serena, que em todas as suas palavras e em todos os seus atos transluzia, a ponto dos seus contemporâneos lhe darem o qualificativo de *Olimpico*.

Pela morte, de Cimon, Péricles ficou em Atenas com um ascendente incontestado e absoluto. O seu governo foi uma verdadeira ditadura. Sob o título de *stratégo* (general) anualmente eleito, sem nenhuma outra dignidade (pois Há dúvidas até sobre se alguma vez foi arconte), tomou a direção de todos os negócios, e exerceu com nobreza e retidão uma autoridade cuja extensão podia ser um perigo.

Conservou as formas repúblicas do governo e não reprimiu os hábitos da liberdade. Os poetas cômicos e muitos filósofos, todos partidários da aristocracia, chegavam a difamar Péricles, nas suas peças e nas suas lições, sem nenhum receio de repressão para os abusos da sua crítica. As magistraturas, em lugar de serem dadas pelo sufrágio, como até aí, passaram a ser distribuídas pela sorte, processo mais democrático, porque deixava os cargos abertos a todos, ao passo que a eleição, embora exercida pelo povo, os fazia recair sempre nos grandes. Este sistema de sorte não tinha inconvenientes em uma sociedade constituída como o era a ateniense. Aqui, os cidadãos (isto é, os atenienses de condição livre) não passavam de uns vinte mil, e constituíam uma verdadeira aristocracia popular, na qual todos os membros tinham sensivelmente a mesma educação política, e estavam nas circunstâncias de desempenhar os mesmos cargos. Conservou-se, porém, o processo da eleição para a nomeação dos *stratégos*, cujas funções eram muito importantes, e compreendiam todos os negócios militares, e todas as relações da política externa. E, com respeito aos arcontes e aos senadores, a sorte só podia exercer-se entre os que se apresentavam candidatos, os quais se submetiam a um rigoroso exame prévio.

Atribuiu a gratificação de três óbolos diários a todo o cidadão que nas assembléias judiciárias e nas políticas tomasse assento, consagrando o seu tempo ao estudo e á regularização das questões aí apresentadas e debatidas. Aumentou o estipêndio dos soldados e dos marinheiros; ordenou distribuições gratuitas de trigo ás classes pobres; tomou a cargo da cidade a educação dos filhos d'aqueles que morriam pela pátria; arbitrou socorros periódicos aos inválidos e enfermos; etc. Enviou colonos para muitos pontos da Ásia e das ilhas, dando-lhes terras e conservando-lhes os seus direitos de cidadãos de Atenas; decretou grandes solenidades nacionais, festejos públicos para regozijo e ilustração do povo; finalmente, cobriu Atenas com os mais suntuosos e belos monumentos que jamais se edificaram, alguns dos quais estão ainda de pé,

atestando a sua magnificência primitiva debaixo das mutilações que os tempos lhes trouxeram.

Como os rendimentos da Ática não podiam chegar nem para o centésimo do custo de tantas obras primas, Péricles não hesitou em lançar mão das contribuições que os aliados derramavam no tesouro comum, e cujo fim era assegurar, em caso de ataque, a defesa dos interesses gerais das cidades confederadas. Este proceder infiel, que a posteridade quase não teve animo de estigmatizar, em vista das maravilhas artísticas a que deu origem, foi um agravo que as cidades juntaram a muitos outros já recebidos de Atenas, e que com eles concorreu para a queda desta potencia opressora.

Péricles cometeu um grande erro mandando fazer o recenseamento dos verdadeiros cidadãos da Ática, excluindo desta classe todos os que não eram filhos de pai e mãe atenienses. Cinco mil habitantes perderam assim os seus direitos políticos.

É prodigioso o esplendor das artes na Atenas de Péricles. Através dos séculos ficou deslumbrando o mundo o sol de civilização que dali irradiou. Nomes imortais, como os de nenhum outro povo, atestam a preeminência da raça helênica em todas as concepções do espírito, e dão lustre inolvidável aos tempos que, por toda a posteridade, ficaram consagrados com o nome de *século de Péricles*.

Nas belas artes monumentais e decorativas basta citarmos os nomes de Fídias, de Letino, de Néscles, de Zeuxis e de Parrásio; na poesia dramática Sófocles e Eurípidés (Ésquilo foi um pouco mais antigo); na comédia política e satírica Aristófanes; na história, na filosofia, etc., Heródoto, Sócrates, Anaxágoras, Hipócrates, e tantos outros, logo pouco depois seguidos de Aristóteles, Platão, Xenofonte, Tucídides!

## **GUERRA DO PELOPONESO**

**Desde a revolta de Corcira até á paz de Nícias** — A trégua de trinta anos celebrada, em 445, entre Esparta e Atenas, não pode durar mais de quatorze. Em 436, rebentou uma guerra entre Corinto e Corcira, sua colônia, na qual Atenas tomou o partido desta contra a metrópole. Ao mesmo tempo, os Atenienses tinham tornado tributaria a colônia coríntia de Potidéia, na Macedônia, e nesse momento lhe estavam pondo cerco por ela, confiada no apoio do Peloponeso, negar-se a pagar-lhe tributo (432).

Corinto, Esparta e as cidades do Peloponeso acusaram Atenas de ter rompido as tréguas, e de oprimir os seus aliados. Estavam em presença duas ligas hostis:

uma, a *liga ateniense*, na qual entravam as colônias Jônias e a maior parte das ilhas (Lesbos, Quios, Samos, etc.), apoiada pelo partido democrático de todas as cidades e firmado o seu poder material principalmente na sua marinha; outra, a *liga peloponesica*, a cuja frente estava Esparta, e que se compunha dos Estados dóricos e da maior parte dos Estados Eólios (Beócia, Fócida, etc.), tendo pelo seu lado o partido aristocrático das diferentes cidades, e contando, como principal recurso material, com a bravura do exército de terra.

Reunida a dieta geral do Peloponeso, em Esparta, os Coríntios apresentaram as suas recriminações, em virtude das quais os Lacedemônios reclamaram de Atenas o levantamento do cerco de Potidéia, o da interdição pronunciada contra Mégara, e a restituição da liberdade a todos os confederados, mormente aos Eginetas. Como os Atenienses não satisfizessem nenhuma destas exigências, um exército espartano invadiu a Ática e devastou-a.

Ao principio a luta foi-se protraindo numa série de escaramuças e surpresas de saque. Todos os anos, pela primavera, os de Esparta vinham devastar a Ática, e a esquadra ateniense andava exercendo as suas rapinas pelas costas do Peloponeso. Ao terceiro ano de guerra, uma peste horrível, vinda das bandas da Etiopia, dizimou a população acumulada em Atenas. Péricles, depois de perder dois dos seus filhos, caiu, também, fulminado pelo flagelo (429).

O partido popular deu-lhe para sucessor Cléon, por nenhum modo capaz de se comparar a Péricles,—mas dotado, ainda assim, de talentos administrativos, e de patriótica energia. A guerra continuou. Atenas viu a destruição de Platéia, sua fiel aliada, pelos Espartanos e pelos Beócios, os quais assassinaram os habitantes capazes de pegar em armas e reduziram á escravidão as mulheres e as crianças. Os Atenienses tomaram a ilha de Lesbos onde exerceram represálias cruéis: no primeiro momento queriam matar todos os habitantes de Mitilene (427), reduzindo á escravidão as crianças e as mulheres; depois, reconsideraram, e condenaram á morte mil revoltosos. A luta tomara o caráter de uma vingança horrorosa.

No sexto ano da guerra, a peste reapareceu, e houve, grandes terremotos na Ática, na Beócia, e nas ilhas. Em 424, Brásidas, ilustre general lacedemônio, consegue entrar em Amfipólis e faz pender as vantagens para o lado de Esparta; mas Demóstenes (não é o orador), general ateniense, contrabalança este êxito do seu adversário, apoderando-se da importante posição de Pilas (Navarino), na costa da Messênia, onde se mantêm, Apesar dos ataques de Brásidas, o qual não pode conseguir mais, para inquietar o inimigo, do que desembarcar quatrocentos e vinte Espartanos na pequena ilha de Sfatéria, onde, depois de uma defesa pertinaz, foram uns mortos, outros aprisionados por Cléon (425).

Admitia-se, desde as Termópilas, que os Espartanos podiam ser mortos, mas nunca aprisionados, de modo que o resultado da luta em Sfatéria produziu um grande efeito moral nos Atenienses. Os Espartanos começam a sentir uma série de revezes: perdem Cítera e outras posições importantes, vêem devastada a Lacônia, tem de reprimir as insurreições dos Messênios e dos Hilotas, assistem a novas vantagens ganhas pelos Atenienses, e, vendo o Peloponeso como que bloqueado por estes, perdem a força moral e mandam implorar a paz, que lhes é afrontosamente recusada.

Em breve, porém, a fortuna das armas muda de rumo. Os Atenienses são vencidos pelos Beócios em Délio; Brásidas, apoiado pelo Rei da Macedônia, Pérdicas, foi combater as colônias atenienses á Trácia e á Calcídica, para ferir Atenas no seu poder marítimo, cortando-lhe as suas relações com os povos que lhe forneciam a cordoalha dos seus navios e as madeiras de construção. O partido da paz, isto é, o partido aristocrático, tendo á sua frente *Nícias*, começou depois d'isto a criar preponderância. Mas Brásidas e Cléon eram intransigentes e apoiavam a guerra a todo o transe. Em 421, Brásidas tomou Amfipólis, que os Atenienses perderam pela negligencia de Tucídides, tão mau general como grande historiador.

Cléon apresenta-se diante da praça para reconquistá-la aos Lacedemônios. Dá-se uma batalha, em que os Atenienses são vencidos, mas na qual os dois generais perdem a vida, terminando assim os dois principais obstáculos que havia contra a paz. Então os partidários da paz adquirem de novo a superioridade, e conclui-se a *paz de Nícias*, pela qual foi garantida uma trégua de armas de cinquenta anos.

A trégua foi observada na aparência durante uns sete anos, mas de fato rompida um ano depois da conclusão do tratado.

**Alcibíades** — Os Coríntios, vendo que se concluía a paz entre Esparta e Atenas, sem contar com eles nem com os outros Estados secundários, indignaram-se contra Esparta, e, ligando-se com Argos e algumas cidades da Arcádia, resolveram tirar a Esparta a hegemonia do Peloponeso. Deu-lhes o seu apoio o ateniense *Alcibíades*, sobrinho de Péricles e discípulo de Sócrates, homem com admiráveis dotes naturais, riquíssimo, formoso, espirituoso, sábio, eloquente, mas também ambicioso, desleal, corrompido, sem fé nem convicções, indiferente para tudo,—numa palavra, o mais brilhante, mas também o mais imoral e o mais perigoso cidadão de uma república.

Logo que se envolveu nos negócios do Peloponeso determinou uma guerra entre os Espartanos e os confederados. Desta luta saiu Esparta vitoriosa na

batalha de Mantinéa (418). Apresentando-se como adversário de Nícias, chefe da aristocracia e do partido da paz, fez isso menos por sugestão da consciência do que para explorar em proveito da própria ambição os sentimentos belicosos das classes mais baixas.

Decidiu, com a sua eloquência, os Atenienses a empreenderem uma expedição contra a Sicília, da qual teve o comando juntamente com Lâmaco e Nícias. O pretexto era socorrer Segesto contra Selinonte e Siracusa; o fim verdadeiro da expedição, ferir as colônias dóricas e conquistar as ricas cidades gregas da Sicília. A empresa malogrou-se. Na véspera da partida da esquadra (415) apareceram mutilados durante a noite, em toda a cidade, os Hermes ou bustos de Mercúrio. Os inimigos de Alcibíades atribuíram-lhe este sacrilégio, bem como o de ter profanado os mistérios de Elensis; e, transformando as suas suspeitas numa acusação capital, revocaram-no, mal ele tinha chegado á Sicília, a fim de ser julgado no tribunal. Segundo o relatório apresentado pelo orador Andócides, aquele sacrilégio fora uma conspiração secreta contra a constituição democrática, e como suspeitos de cumplicidade nele foram presos e condenados á morte muitos cidadãos respeitáveis. Alcibíades, temendo a mesma sorte, expatriou-se, e, sendo condenado, retirou-se para Esparta, onde, por vingança, premeditou a ruína da sua pátria, e determinou os Espartanos a renovarem a guerra. Por conselhos dele, os inimigos de Atenas apossaram-se da forte posição de Decélia, na Ática, e resolveram-se a socorrer os Gregos da Sicília, onde Nícias, contrario á guerra, conduzia as operações frouxamente. Gilipo, hábil general espartano, foi em socorro de Siracusa e deu um golpe fatal nos Atenienses, que cercavam a cidade. Lâmaco morreu (414) com uma grande parte dos hólitas; a própria esquadra ateniense foi toda destruída pelos navios mais poderosos dos Siracusanos e dos Coríntios; Nícias e Demóstenes foram decapitados em Siracusa ás mãos do algoz; os que não morreram com as armas na mão, foram condenados a uma escravidão duríssima (413).

Em Atenas, ao saber-se destes desastres, quase todas as famílias vestiram luto; os confederados atenienses desligaram-se da cidade feliz e procuraram o apoio de Lacedemônia; um exército espartano, entrincheirado em Decélia, fechava as comunicações; uma esquadra espartana, comandada por Tissáfernes, governador da Ásia-Menor, em nome dos Persas, atacava as forças navais de Atenas; a Eubéa caiu no poder das forças do Peloponeso; e, dentro de Atenas, um partido oligárquico, dirigido por *Pisandro*, procurava derrubar a constituição democrática, de inteligência com Esparta. Para isso, instituiu um *conselho dos quatrocentos* que a si mesmo se elegia, limitou a comunidade do povo a cinco mil cidadãos, que nunca foram convocados para o exercício dos seus direitos civis.

A esquadra ateniense, do comando de *Trasíbulo*, que estava em Samos, pronunciou-se contra esta revolução e manteve a antiga ordem de coisas.

Alcibíades, a esse tempo descontente com os Espartanos, retirou-se para a Ásia, chamou aos seus interesses Tisafernes, tomou o comando da esquadra de Samos, ganhou próximo de *Císico* (410) e em mais dois combates gloriosas vitórias contra os Lacedemônios, apoderou-se de Bizâncio, de Calcedônia, e de outros pontos da costa, e estabeleceu no Helesponto um direito de navegação que fez afluir um novo rendimento para Atenas.

Alcibíades, anistiado e glorificado por um decreto público, entrou em Atenas como triunfador, foi nomeado generalíssimo do exército e da esquadra, e o povo atirou ao mar as tábuas onde as suas faltas estavam inscritas. Partindo para a Ásia, a fim de completar a submissão das antigas possessões atenienses e de bater a esquadra inimiga, foi infeliz numa empresa contra a ilha d'Andros. Durante uma ausência sua, um de seus imediatos foi derrotado nas alturas de Éfeso (407) pela esquadra de Lacedemônia, comandada por Lisandro. Os Atenienses, tristemente impressionados com estes revezes, retiraram o comando a Alcibíades e nomearam, para o substituir, dez generais, entre os quais se contava *Conon*. Então Alcibíades, reunindo alguns mercenários estrangeiros, retirou-se para as fortalezas que mandara construir na Trácia, e dali começou a fazer guerra por sua própria conta, como um aventureiro.

Os Espartanos, comandados por *Calicratidas*, atacaram Lesbos e bloquearam os navios atenienses no porto de Mitilene. De Atenas foi uma nova armada em socorro da primeira. Travou-se um grande combate naval próximo das ilhas *Arginusas* (406), onde Calicrátidas, sucessor de Lisandro, ficou morto. A vitória decidiu-se afinal pelos Atenienses.

Seis dos generais vencedores foram condenados á morte pelo povo, não só por terem deixado de recolher os cadáveres dos seus mortos (o que era um sacrilégio para as idéias religiosas dos Gregos), como também por terem deixado perecer sem socorro as tripulações de 25 *triremes* desamparadas durante o combate e batidas pela tempestade.

**Queda de Atenas** — Depois da derrota e morte de Calicrátidas, Esparta restituiu a Lisandro o comando da esquadra. O almirante espartano soube conciliar habilmente o favor de *Ciro “o Moço”* governador da Ásia-Menor, e com o auxílio dos Persas aumentou as forças navais de Lacedemônia. Percorreu audazmente todo o Mar Egeu, tomou Lampsaco, e surpreendeu a esquadra ateniense ancorada em *Aegos-Potamos (“Rio das Cabras”)*; na costa do Helesponto, não longe de Sestos. Só puderam escapar oito navios atenienses que Conon salvou em Chipre, e um bom veleiro, o *Paralos*, que levou a triste noticia a Atenas (405). Assim acabou o predomínio marítimo e a grandeza política desta cidade.

A batalha de Aegos-Potamos foi uma horrorosa carnificina. Os marinheiros e soldados atenienses estavam na maior parte desembarcados, em jogos e

distrações, quando foram surpreendidos. Os navios eram capturados e destruídos quase sem resistência três mil Atenenses, com muitos dos seus chefes, foram, em seguida, conduzidos a Lampsaco e sacrificados á vingança dos Espartanos.

Lisandro percorreu em seguida todas as cidades marítimas da obediência de Atenas, nenhuma das quais ousou resistir-lhe, destruindo nelas os governos democráticos e substituindo-os por oligarquias. Depois atacou Atenas pelo lado do mar, enquanto pelo lado de terra a cercavam os reis espartanos Agis e Pausânias. A grandiosa cidade, digna de melhor sorte, dilacerada internamente pelo furor dos partidos, prolongou quanto pode a sua defesa heróica; mas, por fim, nos apertos da fome, teve de render-se sem condição (404).

Os vencedores impuseram-lhe: —a demolição dos seus muros e das fortificações do Pireu; a entrega de todos os navios, excetuando doze galeras, limite máximo a que ficava reduzida a sua marinha; a evacuação de todas as cidades conquistadas; o regresso dos exilados amigos de Esparta; o pagamento de um tributo anual; a abolição da constituição democrática, e a sua substituição pela oligarquia dos *trinta tiranos*.

Para a humilhação ser mais completa, as galeras atenienses foram queimadas, e as muralhas bem como as fortificações foram arrasadas ao som de flautas, no meio de chascos grosseiros, e em presença de todos os aliados de Esparta coroados de flores.

### **TIRANIA DOS TRINTA EM ATENAS. RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA**

A administração do governo ateniense foi confiada por Lisandro a 30 membros da nobreza, aliados de Esparta, os quais receberam a missão de organizar o Estado no sentido aristocrático por meio de leis novas. Estes oligarcas, a cuja frente estava *Critias*, ficaram conhecidos pelo nome de *trinta tiranos*; e o seu governo foi um verdadeiro período de terror; tantas foram as crueldades e prepotências por eles praticadas, não só contra os democratas, mas até mesmo contra os aristocratas mais moderados. Só três mil cidadãos gozavam do direito de burguesia, e os *trinta* chegaram a decretar que só os três *mil* poderiam habitar em Atenas, sendo banidos os outros cidadãos. As diversas cidades regurgitavam de proscritos atenienses.

Trasíbulo, chefe dos democratas, e um dos heróis da grande guerra, empreendeu libertar a cidade. Saiu de Tebas com um punhado de proscritos, e entrando na Ática, onde se apossou de uma pequena fortaleza, repeliu dois ataques dos Trinta e dos Lacedemônios, surpreendeu de noite o Pireu e

conseguiu chamar os oligarcas ao combate. Critias morreu combatendo; os outros tiranos retiraram-se para Eleusis, com permissão de Trasíbulo, que restabeleceu a constituição democrática e promulgou uma anistia, restituindo deste modo a tranquilidade ao Estado. Atenas ofertou ao seu libertador a coroa de oliveira.

**Sócrates** — Nestes desgraçados tempos viveu o grande filósofo Sócrates, um dos maiores nomes da história da humanidade. Nascido em 469, pagou á pátria o seu tributo de sangue combatendo em Potídea, em Amfípolis e em Delion. Na primeira destas batalhas salvou a vida a Alcibíades, na ultima ao moço Xenofonte. Não é aqui lugar para expormos as suas idéias filosóficas, na manifestação das quais empregava um método interrogatório, que ficou célebre com a designação de *ironia socrática*.

Em 399, a democracia ateniense, usando de uma intolerância que para sempre a maculou, instaurou processo a Sócrates pelas suas opiniões religiosas e pela sua propaganda política; e este grande homem foi condenado a beber a cicuta, morrendo com admirável serenidade.

## **HEGEMONIA DE ESPARTA**

Vencida Atenas, os Espartanos procuraram completar a sua hegemonia sobre as ilhas e as cidades do litoral, conquistando a soberania do mar. Apoderaram-se de Samos, obrigando os cidadãos a emigrar e a abandonarem as suas riquezas; tiraram aos habitantes de Chio os seus navios, e mataram por traição 80 democratas de Mileto; subjugaram Elis; expulsaram novamente de Naupata os infelizes Messênios; lançaram pesadíssimos impostos ás cidades marítimas e substituíram em toda a parte as constituições democráticas pela sua organização aristocrática. Com as contribuições formaram o seu tesouro público; as populações do Peloponeso forneciam-lhe soldados; as das cidades do litoral e das ilhas, esquadras e marinheiros.

O seu domínio era mais opressor para os povos subjugados do que fora o de Atenas, mais duro, mais cruel, e sem ter ao menos a compensação de manter numa alta esfera intelectual a cultura dos espíritos. Era a prepotência da força, o desprezo da justiça, o aniquilamento do direito. Era a decadência inexorável, sem remédio.

Decadência em tudo, rápida, nas instituições, na grandeza, na civilização, no prestígio! Os éforos tinham usurpado a autoridade toda; os reis estavam reduzidos á condição de uns simples generais hereditários; uns mil cidadãos, quando muito, constituíam toda a oligarquia soberana. A propriedade estava em meia dúzia de mãos; as classes servis, cada dia mais numerosas,

princiariam a conhecer a força de que poderiam dispor contra os seus opressores, se conseguissem unir-se.

De toda a Grécia, apenas Argos, Corinto, Tebas, e a Etólia, não reconheciam o jugo terrível de Esparta, e em breve haviam de ser o núcleo de uma formidável coalizão.

**A retirada dos Dez Mil** — No trono da Pérsia tinham-se sucedido, a Xerxes, Artaxerxes Longomano (465-424), Xerxes II e Sogdiano (424), Dario II Notos (ou o Bastardo) (423-404), e Artaxerxes II Nêmon, que deu a satrápia da Ásia-Menor a seu irmão Ciro “o Moço”. Este, pretendendo ter mais direitos ao trono do que seu irmão, intentou arrancar-lhe o poder; e, para isso, juntou um formidável exército, no qual tomou a seu soldo treze mil mercenários gregos, tropas que lhe foi fácil juntar, pois com o termo da grande guerra muitas forças militares estavam desocupadas.

Esparta, pelo seu lado, tinha interesse em favorecer a guerra civil na Pérsia, como uma garantia da sua própria tranquilidade e segurança do seu domínio; e por esse motivo não só permitiu o levantamento das tropas, como também pôs á disposição de Ciro 25 galeras e um corpo de setecentos hóplitas.

Ciro invadiu a Pérsia, penetrou até ás portas de Babilônia; e aí, na planície de *Cunaxa*, travou-se uma grande batalha, na qual os Gregos ficaram vitoriosos, mas onde o régio aventureiro foi morto (401).

Cercados por todos os lados, os Gregos começaram a sua famosa retirada. *Clearoo*, seu general, e outros oficiais, foram aleivosamente assassinados numa conferencia a que os Persas os convidaram; mas o ateniense *Xenofonte*, que tinha tomado parte, como voluntario, na campanha, pôs-se á frente das tropas, e, de acordo com o espartano *Cheirisofo*, conduziu-as; no meio das mais incríveis dificuldades, através de quatrocentas léguas de país inimigo, por meio das montanhas impraticáveis da alta Mesopotâmia, da Armênia e do Ponto, até ás praias do Mar Negro. Quinze meses durou esta extraordinária operação militar, assinalada por cem combates, realizada por um punhado de homens, sem conhecimento do país nem da língua, sem guias, passando a vau torrentes Impetuosas, subindo cerros escalvados, atravessando vastidões inóspitas, cobertas de neve espessa, sofrendo toda a espécie de privações, aossados de perto pelos inimigos, inquietados a todo o momento pelos habitantes.

A retirada dos Dez Mil foi um dos maiores feitos militares da Antiguidade, e imortalizou duas vezes Xenofonte, como capitão e como historiador. A *Anbasis* (ou a narrativa da expedição de Ciro “o Moço” contra a Pérsia e do

regresso do exército grego sob o comando do próprio historiador) é a melhor obra de Xenofonte.

**Expedição de Agesilau**—Os Persas, irritados com os fatos que acabamos de narrar, e pretendendo vingar-se, procuraram submeter de novo as cidades jônias do litoral, que eram então tributárias dos Espartanos. Estas pediram auxílio a Esparta, que lhes mandou um exército, cujas vantagens ao principio foram insignificantes; mas depois mudaram as coisas de feitio quando o rei Agesilau (398-361) tomou o comando da expedição.

Agesilau devastou a Frigia, a Bitínia, a Caria, a Lidia; venceu perto de Sardes (396) o sátrapa Tissáfernes, e outros governadores persas em diversos combates; enriqueceu de magníficos despojos os seus soldados. E preparava-se para chegar até ao coração do Império pelo caminho traçado pelos Dez Mil, quando recebeu ordem terminante de regressar a Esparta. Eram os Persas que tinham suscitado a Esparta uma guerra no interior da Grécia, e Agesilau tinha de correr em auxílio da pátria ameaçada.

**Guerra Coríntia**—Incitada pelo ouro dos Persas, mas principalmente pela tirania espartana, Tebas foi a primeira cidade a insurgir-se contra a supremacia de Esparta; com ela se ligaram Corinto, Argos, Atenas, e a Tessália. Lisandro, que partiu imediatamente para a Beócia, a fim de remover o perigo iminente, foi vencido e morto na batalha de Haliarte (395). Nisto chegou Agesilau, a tempo de ganhar sobre os aliados a *batalha de Coronea* (394).

A Pérsia deu ao ateniense Conon uma esquadra fenícia, com a qual foi destruída, em frente de Cnido, a armada Lacedemônia. Esparta perdia o domínio do mar, e Atenas concebia a esperança de reavê-lo, sendo esse o pensamento de Conon. Este restituiu a independência ás ilhas de Chios, de Lesbos, de Samos, expulsou os governos oligárquicos impostos pelos Espartanos, e, auxiliado pela Pérsia, efetuou o restabelecimento das fortificações da cidade e do porto de Atenas, e a construção de mais navios.

A república ateniense, sentindo-se renascer, enviou Trasíbulo com uma esquadra para reduzir Bizancio, o que ele fez, sendo, porém, morto na Pamfília; mas, ao mesmo tempo, Atenas cometeu um grande erro, socorrendo Evágoras, rei de Chipre, contra os Persas, o que lhe retirou a proteção destes, inclinando-os de novo para o lado de Esparta.

Por outro lado, Ificrates, ateniense, general muito hábil, fundou uma tática nova, servindo-se de soldados armados á ligeira e dando aos hólitas uma organização e um armamento mais nacionais. Assim conseguiu derrotar completamente num recontro a infantaria, até aí invencível, de Lacedemônia.

Esparta atemorizada com as vantagens dos Atenienses, tanto no mar como na terra, negociou com o grande rei o vergonhoso *tratado d'Antalcidas*.

**Paz d'Antalcidas** — Por este tratado (387) foram submetidos aos Persas os Estados Gregos do continente Asiático com a ilha de Chipre, conservadas a Atenas as ilhas de Lenos, de Imbros e de Sciros, e reconhecidas como independentes umas das outras todas as cidades da Grécia. Argos e Tebas, que se recusavam a obedecer ao tratado, foram a isso constrangidas por Esparta.

Por este tratado, imposto á Grécia por um monarca estrangeiro, as costas ocidentais da Ásia-Menor foram para sempre arrancadas ao domínio helênico, todas as ligas foram dissolvidas, todas as confederações desmembradas, ficando assim destruídos todos os centros de força e de vida coletiva.

### **DECADENCIA DE ESPARTA. HEGEMONIA DE TEBAS**

Pela paz d'Antalcidas tornou a afirmar-se a preponderância de Esparta, mas por pouco tempo. A orgulhosa cidade, opressora e despótica, principiou por conquistar e destruir *Mantinéa* (386) que se não submetia ao jugo com a exigida complacência; depois enviou novamente para todas as cidades os seus partidários aristocráticos, carregando-os de honras e poder. A cidade grega de Olinto, na Macedônia, formava com outras cidades próximas uma liga, a *confederação chalcidica*. Os Espartanos proibiram essa liga como contraria á paz d'Antalcidas.

Os Olintos não quiseram dissolvê-la (382); e por isso viram o seu território invadido pelos Espartanos que lhes puseram cerco á cidade e os obrigaram a submeter-se depois da uma luta de três anos.

Em 380, o general lacedemônio, *Febidas*, atravessando a Beócia, ligou-se com os chefes do partido aristocrático de Tebas para os ajudar a derrubar o partido democrático, e tomou de surpresa a Cadmea ou a cidadela, com desprezo de todos os direitos. três anos depois, *Pelópidas* surpreendeu a seu turno a Cadmea, libertou-a, e reuniu toda a Beócia numa aliança comum (379).

Os Atenienses aliam-se então com as Tebanos, e uns e outros conseguem tirar grandes vantagens contra Esparta, na terra e no mar. Na recontra de Tégira (375), forças inferiores dos aliados derrotam a temível infantaria dos Lacedemônios. Um certo número de ilhas e de Estados marítimos, tais como Chios, Rhodes, Samos, Mitilene, formam uma segunda *liga ateniense*; a vitória do ateniense *Cábricas*, próxima de Naxos, em que toda a esquadra espartana foi aniquilada, restituiu a Atenas a supremacia marítima.

Juntamente com Pelópidas dirigia os negócios em Tebas um dos maiores homens da Antiguidade, *Epaminondas*. Pelópidas tinha estabelecido o *batalhão sagrado*, corpo em que os guerreiros eram unidos pelos laços da amizade mais apertada; e Epaminondas introduziu uma nova tática, a ordem de batalha oblíqua. Graças aos seus esforços combinados, foram reduzidas á submissão as cidades menores da Beócia e destruídas Téspia e Platéia (374).

Atenas, descontente com o Engrandecimento e a ambição de Tebas, concluiu pazes com Esparta. Tebas foi intimada a dissolver a sua liga recente e a libertar as cidades confederadas. Epaminondas, negando-o formalmente, viu os Lacedemônios invadirem o território tebano. Marchou ao encontro deles, levando Pelópidas debaixo do seu comando, e derrotou-os completamente na memorável batalha de Leutra, na qual terminou todo o prestígio militar dos Espartanos (371).

Epaminondas ingrossou o seu exército com as forças que lhe enviaram quase todos os povos do norte da Grécia, atravessou o istmo de Corinto em 369, penetrou na Lacônia, desceu o vale do Eurotas e chegou até á planície de Esparta a apresentar batalha ao velho rei Agesilau. Este conservou-se habilmente na defensiva, com as suas tropas em posições fortíssimas, de onde o general tebano não pode desalojá-las. Epaminondas satisfez-se com esta humilhação imposta ao orgulho de Lacedemônia; e, depois de ter devastado toda a Lacônia até ao mar, voltou para a Beócia com o seu exército.

No seu regresso, chamou á liberdade os Messênios, e restituiu aos descendentes dos antigos habitantes o país de seus pais, o que foi um golpe mortal para Esparta. Estes conseguem levantar, contra Tebas, Atenas, a Pérsia e Diniz de Siracusa. Epaminondas invade segunda vez o Peloponeso, mas é forçado a retirar abandonando os seus aliados de Argos e de Mantinéa, os quais perdem contra Esparta a batalha a que os Espartanos, por não terem perdido nela nenhum dos seus homens, ficaram chamando a *batalha sem lagrimas*.

Ainda Epaminondas invadiu o Peloponeso, pela terceira vez, em 366, e pela quarta vez, em 362, avançando direito sobre Esparta. Agesilau reúne todas as suas forças e corre ao encontro dele, apoiado pelos Atenienses e pelos aristocratas da Arcádia. Dá-se a *batalha de Mantinéa* em que a vitória é ganha pelos Tebanos á custa da vida de Epaminondas. Pelópidas tinha morrido, dois anos antes (364) numa expedição a Tessália. Com a morte destes dois grandes homens, Tebas recaiu de novo na sua obscuridade. Mas nem Esparta nem Atenas puderam também levantar-se mais.

## **SUPREMACIA DA MACEDÔNIA**

Os antigos reis da Macedônia haviam sido tributários dos Persas. *Alexandre I* (498-454) ora aliado dos Persas, ora aliado dos Gregos, atacou e desbaratou parte do exército persa, quando este fugia através da Macedônia, depois da batalha de Platéia. Os reis que se lhe seguiram, tais como *Pérdicas II* (425), introduziram nas altas classes do país os costumes civilizados dos Gregos. *Archeláu* (413-399) deu hospitalidade a Eurípides e convidou Zeuxis a pintar-lhe o palácio e o templo de Pela. A este sucedeu *Amintas II* (399-369), cujo reinado foi muito tempestuoso. O filho mais novo deste monarca, *Filippe*, viveu algum tempo, como reféns, em Tebas, em casa de Epaminondas, e aí se familiarizou com a organização e os costumes dos Helenos, estudando ao mesmo passo o segredo da força e da fraqueza das repúblicas gregas.

Chamado ao trono, por morte de seus irmãos, bate os seus competidores, compra a aliança de Atenas, estabelece amizade com os Tracios, derrota os Bárbaros Peônios e Ilírios, e consegue restituir á Macedônia as suas fronteiras naturais (358). Feito isto, pensa logo em alargá-las. Começa por conquistar umas após outras as colônias gregas assentes no litoral dos seus Estados, e organiza uma esquadra. Penetra na Trácia e chega até ás proximidades de Bizancio; envolve-se nos negócios da Tessália onde então lavrava a *guerra sagrada*, e transforma insensivelmente este país numa província Macedônica. Avança, em seguida, para as Termópilas; mas aí os Atenienses, cuja vigilância era despertada pela eloquencia do grande Demóstenes, opõem-se-lhe á passagem, desconcertando-lhe os projetos, e *Filippe* tem, prudentemente, o cuidado de retirar-se (352).

Demóstenes redobra de energia, solta do alto da tribuna grega as suas vigorosas *Filipicas*, e durante quinze anos luta com toda a força do seu gênio e com toda a sua penetração contra os desígnios do seu temível adversário. Mas se a palavra do maior dos oradores impunha respeito á astucia do monarca ambicioso, não teve força para conjurar a catástrofe. Em 348, *Filippe* vibrou o seu grande golpe, tomando Olinto, a poderosa metrópole das cidades gregas da Calcídica, que Atenas protegia e que Demóstenes tinha querido salvar.

Atenas, ameaçada na Eubéa e até mesmo na Ática, teve de assinar um tratado de paz. Mas *Filippe*, deixando de cumprir as clausulas juradas, ataca as Termópilas, termina a guerra sagrada que lavrava entre os Focídios e os Tebanos, subjuga os primeiros arrasando-lhes as cidades, e toma assento no conselho amfitiônico onde se arroga os dois votos que os Focídios ali possuíam (346).

Eis, pois, *Filippe*, arbitro da Grécia, pela posse da Tessália, das Termópilas, e da influência no conselho amfitiônico. Sabendo esperar, não quis precipitar-se na conquista definitiva, a fim de evitar qualquer reação geral perigosa. Dirigiu-se para a Trácia, onde o ateniense Fócion, aliás seu partidario, o Impediu de se

apoderar das colônias gregas do Helesponto; chegou até ao Danúbio e aí assentou os limites setentrionais do seu reino; levou a guerra á Ilíria, ao Épiro, ao Cersoneso, sitiou Perinto e Bizancio, que Fócion defendeu eficazmente. Os Atenienses apoderam-se da Eubéa, enquanto Demóstenes organizava ligas das diversas cidades, sublevando-as contra o inimigo comum.

Mas o orador ateniense Esquines, rival de Demóstenes, subornado pelo ouro de Filipe, consegue no conselho amfitiônico a investidura do rei da Macedônia no comando e direção de uma nova guerra sagrada contra os Lcrios. Filipe volta imediatamente á Grécia (338), esquece o pretexto da sua intervenção, apodera-se de Elatéia e dos desfiladeiros que conduziam á Beócia, e chega quase ás portas de Atenas.

Demóstenes realiza então um supremo esforço, e obtém, á força de eloquencia, a aliança de Tebas. As duas cidades apresentam-se unidas no ultimo campo de batalha da liberdade e da independência grega. Esparta conservou-se isolada no seu perpétuo egoísmo. Encontraram-se os exércitos junto a Ceronéa, na Beócia. Os hóplitas atenienses, o batalhão sagrado dos Tebanos, despedaçaram-se contra a *falange Macedônica*. Demóstenes tomou parte na ação. A vitória de Filipe foi decisiva e completa.

O vencedor foi de uma desusada e honrosa moderação; reuniu uma assembléia geral dos povos em Corinto, e, para legitimar até certo ponto o seu domínio sobre a Grécia, renovou o projeto de uma grande expedição nacional contra os Persas, e fez-se nomear generalíssimo de todas as forças gregas. Quando estava a ponto de realizar os seus vastos desígnios, um dos seus guardas assassinou-o, crê-se que por sugestões da rainha repudiada, *Olimpias*.

**Alexandre Magno** — Filipe legava a seu filho, Alexandre, mancebo de vinte anos apenas, elementos preciosos para este levar a cabo a empresa por ele concebida. Deixava-lhe um exército numeroso e aguerrido, generais hábeis e tesouros acumulados para aquele fim.

Demóstenes conseguiu sublevar de novo as cidades á noticia da morte de Filipe. Alexandre, que tinha acabado de submeter as tribos ilíricas, atravessou a Macedônia, a Tessália, e chegando em frente de Tebas atacou a cidade e tomou-a, arrasando-lhe em seguida os muros. Os Gregos, aterrados, declaram-no, em Corinto, generalíssimo e dão-lhe socorros para a invasão da Ásia. Não o acompanharemos na sua marca triunfal, que determinou a destruição perpétua do Império dos Persas. A morte surpreendeu-o em Babilônia (328) no meio dos seus ambiciosos sonhos de grandeza e de monarquia universal. Este homem assombroso, que ao expirar contava apenas 33 anos incompletos, entregou, no leito da morte, o seu anel a Pérdicas. E quando os seus generais lhe perguntaram a quem deixava a coroa, respondeu: —Ao mais digno.

## DESMEMBRAMENTO DO IMPÉRIO DE ALEXANDRE

Alexandre deixava: — sua mulher, Roxana, de quem houve um filho póstumo, Alexandre; um outro filho, bastardo, Hércules; um irmão imbecil, Arrideu; duas irmãs, Cleópatra e Tessalonice; e sua mãe, Olímpias. A herança começou por ser atribuída ao filho póstumo do herói e a Arrideu, ficando Pérdicas com uma autoridade semelhante á de ministro supremo. Os diversos governos foram repartidos pelos generais: *Tolomeu*, teve O Egito; *Leonato*, a Mísia; *Antígono*, a Frígia, a Lícia e a Pamfília; *Lisimaco*, a Trácia; *Antípater* e *Cratero*, a Macedônia; *Eumenes*, a Capadócia; *Laomédon*, a Síria; *Pítton*, a Média; *Peucestes*, a Pérsida.

Pítton teve de sufocar em sangue uma revolta de 23:000 Gregos na Alta-Ásia; e, na Ásia-Menor, Eumenes encontrou inesperada resistência ao tomar posse do seu governo da Capadócia. Antígono recusou-se a auxiliá-lo, tendo Pérdicas de lhe prestar apoio com o exército real. Antígono é obrigado a fugir e acolhe-se á corte de Antípater e Crátero. Eumenes tem de fazer frente a todos três, ao passo que Pérdicas avança para o Egito contra Tolomeu, mas é morto pelos seus próprios soldados, nas margens do Nilo. Então Antípater apodera-se da regência e proscree Eumenes, cujos Estados são dados a Antígono (321). Mas Antípater morre logo depois (320) deixando a regência a Polispercon. Eumenes liga-se na Alta-Ásia com os sátrapas armados contra Seleuco de Babilônia, onde Antígono o persegue (317), conseguindo havê-lo ás mãos e mandando-o matar (316).

Ao mesmo tempo que os generais se dizimavam entre si, a família real ia-se aniquilando a si própria. Olímpias, ligando-se com Polispercon, fez morrer Arrideu e sua mulher Eurídice; Roxana mandou matar Státira ou Bársina, filha de Dario, e uma das mulheres de Alexandre. Cassandro, filho de Antípater e rival de Polispercon, cercou Olímpias em Pidna, e, havendo-a ás mãos, matou-a (315). Havendo-se já apossado de Ítoxana e do filho desta, casou com Tessalonice, irmã do conquistador, e estabeleceu assim as suas preterições á herança. Quase toda a Grécia, incluindo a Tessália e a Macedônia, lhe obedeciam; Atenas caiu sob o poder de Demetrio de Fálera, que a administrou sabiamente durante dez anos.

Pela morte de Eumenes, ficou a Ásia a Antígono. Seleuco, governador de Babilônia, cedeu-lha sem combate e refugiou-se na corte de Tolomeu, no Egito, a quem excitou á guerra. Ao mesmo tempo, Lisimaco na Ásia-Menor e Cassandro na Europa avançam contra Antígono, que pretendia reunir todo o Império de Alexandre. Demetrio, filho de Antígono, foi derrotado por Tolomeu, em Gaza (312); e a paz foi estipulada em 311.

A agonia da Grécia durou mais de um século. Em 280 houve uma terrível invasão de Bárbaros. Os Gauleses, seguindo o vale do Danúbio, devastaram a Macedônia e a Trácia. Foram expulsos em 278.

### **REDUÇÃO DA GRÉCIA A PROVÍNCIA ROMANA**

Em 251, Arato, banido de Siciônia, refugiado em Argos, livrou a sua cidade natal do tirano que a oprimia, organizou em Siciônia uma democracia temperada, e incorporou-a na liga Acáica. Esta, que fora até aí obscura, só teve importância quando Arato lhe comunicou o impulso necessário para destruir a hegemonia Macedônica e as tiranias que pesavam sobre as cidades do Peloponeso.

Arato agregou á liga Acáica Megalópoles, Mantinéa, Argos, Trezena e outras cidades; combateu os Etólios; e arrancou aos Macedônios Corinto, Atenas, Mégara, Salamina. Em 229, a confederação contava como aliados o maior número dos Estados do Peloponeso, a Megarida, Salamina, e a Ática. Esparta e a Lacônia mantinham-se fora da liga. A Beócia, a Lócrida, e a Tessália, sofriam ainda o jugo dos Macedônios. A Etólia era então aliada dos Aqueus.

Foi neste mesmo ano 229 que os Romanos puseram o pé na Ilíria. Ei-los, pois, a caminho da Grécia. Já lhes estavam submetidas as ricas cidades gregas da Itália Meridional (Grande Grécia), seguiram-se a estas as da Sicília, e dentro em breve a grande Siracusa reconhecia o seu domínio.

Os grandes planos de Arato foram, porém, contrariados pelos Espartanos. Então Arato teve de chamar os inimigos da Grécia em seu auxílio. Antígono Doso, rei da Macedônia, entrou em Esparta, e a cidade de Licurgo caiu para sempre.

Pela morte de Arato (213), Filoemen, de Megalópoles, reorganizou a liga e combateu a influência romana. Mas a liga etólia declarou-se a favor dos Romanos; e, em 197, os Gregos foram vencidos nas planícies de Cinócefalos. Pouco depois, o cônsul Flamínio proclamou, em nome do povo romano, a independência local de todos os Estados Gregos, começando assim a acostumá-los ao protetorado romano. Em 189 foi destruída por estes conquistadores a liga dos Etólios. Em 183 os Romanos apoderaram-se de Filoemen, e condenaram-no á morte pela cicuta. Em 168 Paulo Emilio alcançou a vitória de Pidna, que destruiu o poder da Macedônia. E finalmente em 146 a Grécia foi reduzida a província romana, com o nome de *Província da Acaia*.

## O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes  
São Paulo, 2014